



**Programa de  
Pós-Graduação  
em Geografia**

**BRUNA KESCHNER**

**HERANÇAS E EVOLUÇÕES DA SOCIABILIDADE E DO DIREITO À CIDADE EM  
CHAPECÓ:  
UM OLHAR A PARTIR DA PERIFERIA**

**CHAPECÓ  
2023**

**BRUNA KESCHNER**

**HERANÇAS E EVOLUÇÕES DA SOCIABILIDADE E DO DIREITO À CIDADE EM  
CHAPECÓ:  
UM OLHAR A PARTIR DA PERIFERIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Igor Catalão

**CHAPECÓ  
2023**

### **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Keschner, Bruna

Heranças e evoluções da sociabilidade e do direito à cidade em Chapecó-SC: Um olhar a partir da periferia / Bruna Keschner. -- 2023.

117 f.

Orientador: Doutor Igor Catalão

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Chapecó,SC; Erechim,RS, 2023.

1. Direito à cidade. 2. Periferia. 3. Efapi. 4. Chapecó. 5. Espaços públicos. I. Catalão, Igor, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.


**BRUNA KESCHNER**

**HERANÇAS E EVOLUÇÕES DA SOCIABILIDADE E DO DIREITO À CIDADE EM  
CHAPECÓ:  
UM OLHAR A PARTIR DA PERIFERIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.


Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 04/10/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **IGOR DE FRANCA CATALAO**  
Data: 20/11/2023 11:03:45-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

**Prof. Dr. Igor Catalão – UFFS**  
**Orientador**

Documento assinado digitalmente  
 **FERNANDO ROSSETTO GALLEGO CAMPOS**  
Data: 20/11/2023 15:51:44-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Fernando Rossetto Gallego Campos – UFFS/IFSC**  
**Avaliador**

Documento assinado digitalmente  
 **MARIA ANGELICA DE OLIVEIRA MAGRINI**  
Data: 20/11/2023 11:19:27-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Angélica de Oliveira Magrini – UFU**  
**Avaliadora**



Para Antônio.

## AGRADECIMENTOS

Essa absolutamente é a parte mais emocionante desse trabalho, afinal, eu achei que nem chegaria aqui. Se fazer, com dedicação, uma pós-graduação e escrever um trabalho para demonstrar tudo o que se descobriu nesse processo é difícil, eu resolvi dificultar ainda mais meu trabalho e engravidei no meio dessa coisa toda. E então, se eu consegui chegar até aqui, foi apenas porque existem muitas pessoas incríveis que atravessaram meu caminho, e facilitaram ele de várias maneiras.

À minha família: mãe, irmã, sogra, sogro, cunhadas, cunhado e sobrinhos. Nem todos contribuíram diretamente nesse processo, mas todos eles são responsáveis por eu não ter perdido minha sanidade, seja porque me ajudaram, contaram histórias, indicaram pessoas para entrevistas ou mesmo, por me dizerem que eu conseguiria. Vocês são incríveis e eu tenho a mais absoluta sorte por tê-los.

À minha 'família'. Meu companheiro de todas as horas, maior incentivador e ajudante constante, Douglas: Obrigada por estar sempre comigo e por mim, quando eu mesma não era capaz. Ao meu bebê, pedaço de mim, que chegou na metade, bagunçando tudo, mas que se tornou a principal fonte de forças para que eu não desistisse, Antônio, eu te amo mais do que tudo, obrigada por ter chegado.

Aos meus amigos, virtuais, que fiz durante a pós-graduação: Ana, Dani, Vini, Yuri. Foi tão divertido sofrer em equipe – obrigada pelo constante incentivo e apoio, provavelmente o trabalho todo não seria tão bom sem os pitacos de vocês, e eu não vou desistir de a gente se conhecer pessoalmente.

Ao João Henrique Lemos, que me ajudou grandemente desde o processo de admissão, e foi parceiro de muitas escritas. Ao Bruno Casaca, que nesse final, me deu um gás pra finalizar o que faltava, além de cobrir minhas aulas na escola para que eu pudesse me dedicar completamente à escrita.

Aos professores das minhas bancas, obrigada pela confiança ao me qualificarem, sei que muito da decisão foi baseada nisso. Aos demais professores que estive em contato, tanto em disciplinas como nos corredores, quando crescer quero ser como vocês.

Ao meu amigo, professor, conselheiro e orientador, Igor. Eu jamais terei palavras para agradecer tudo que você fez por mim em todo o processo, desde a

graduação até aqui. Sou sortuda por ter lhe conhecido e por você ter gostado tanto de mim que escolheu ser meu amigo também. Você é incrível, e eu nunca deixo de falar isso, para você e para todo mundo a quem tenho oportunidade.

À UFFS, por estar de portas abertas a todos, sempre. Domingos, feriados, férias... Eu tenho orgulho de dizer que aqui foi e sempre será minha casa.

“Eu acredito que a gente deveria abandonar a linguagem da faculdade, o ‘facultês’, o ‘universitês’ e, se possível, tentar representar a realidade, os fatos como um enredo.” Milton Santos.

## RESUMO

O debate sobre sociabilidade e os espaços que lhe são necessários são tema de grande relevância para a vida urbana hoje. Em particular nas periferias, seja nas tradicionais, seja nas novas, essa discussão ganha relevância quando pensamos nas possibilidades de que dispõem os cidadãos. O presente trabalho abordou as (in)existências de espaços para sociabilidade na grande Efapi – junção dos bairros Efapi, Vederti, Fronteira Sul e Araras. Trata-se de uma periferia da cidade média de Chapecó, localizada no oeste de Santa Catarina. O principal objetivo desse trabalho é analisar quais são as práticas de sociabilidade das pessoas da periferia de Chapecó e quais os espaços utilizados nessas práticas. A abordagem metodológica é qualitativa, considerando a autora como pesquisadora participante, visto sua posição como moradora de um dos bairros. A partir disso, tem como principal base de informações as conversas informais, embasadas posteriormente por trabalhos de campo e entrevistas. Ao encontrar os centros comunitários como espaço semipúblico de sociabilidade que surge como alternativa à falta de espaços públicos nas periferias, a pesquisa tomou um rumo diferente, pois encontra, nesses espaços e nas práticas realizadas ali, a herança do contexto urbano-regional na periferia da cidade.

**Palavras-chave:** espaço público, periferia, cidade média, direito à cidade, sociabilidade, Chapecó.

## ABSTRACT

The debate about sociability and the spaces that are necessary for it are a topic of great relevance to urban life today. Particularly in peripheral areas, whether traditional or new, this discussion gains relevance when we think about the possibilities available to city dwellers. This work addressed the (in)existence of spaces for sociability in greater Efapi – the junction of the Efapi, Vederti, Fronteira Sul and Araras neighborhoods. It is a suburb of the intermediate city of Chapecó, located in the west of Santa Catarina. The main objective of this work is to analyze what are the sociability practices of people on the outskirts of Chapecó and which spaces are used in these practices. The methodological approach is qualitative, considering the author as a participating researcher, given her position as a resident of the neighborhood. Therefore, the main information base is informal conversations, later supported by fieldwork and interviews. By finding community centers as a semi-public space for sociability that emerges as an alternative to the lack of public spaces on the outskirts, the research takes a different direction and finds, in these spaces and in the practices carried out there, the heritage of the urban-regional context on the outskirts of the city.

**Keywords:** public space, periphery, intermediate city, right to the city, sociability, Chapecó city.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Quadro organizacional utilizado como orientador nas observações de campo dos espaços públicos da grande Efapi. ....	21
Figura 2. Fotografia do aglomerado urbano de Chapecó em setembro de 1940 .....	26
Figura 3. Fotografia da área central de Chapecó, logo após o incêndio da Igreja Matriz, em 1950.....	27
Figura 4. Fotografia do núcleo urbano de Chapecó no ano de 1957 .....	27
Figura 5. Evolução da ocupação urbana na cidade de Chapecó-SC.....	30
Figura 6. Evolução da ocupação urbana na cidade de Chapecó-SC.....	31
Figura 7. Casas populares, hoje já reformadas, localizadas no loteamento Colatto, bairro Efapi .....	33
Figura 8. A: Unidade dos correios localizada no bairro Efapi – B: Cartório extrajudicial localizado no bairro Vederti .....	39
Figura 9. Uma das unidades da Caixa Econômica Federal localizada no bairro Efapi .....	40
Figura 10. Fotografias do Ecoparque em um domingo à tarde .....	52
Figura 11. Flyers de divulgação do bairro Vederti .....	62
Figura 12. Espaços públicos do bairro Vederti .....	64
Figura 13. Apresentação de danças provenientes de cursos oferecidos nos centros comunitários dos loteamentos Thiago e Jardim do Lago - 2002 .....	81
Figura 14. Grupo de imigrantes haitianos, alunos de aulas de português e seus professores voluntários - 2017 .....	83
Figura 15. Festas nas comunidades do bairro Efapi: Alice, Thiago, Colatto, Alta Floresta .....	87
Figura 16. fotografias de eventos esportivos da grande Efapi .....	89
Figura 17. Projeto do Centro Multiuso Efapi.....	91
Figura 18. Assembleia de moradores do loteamento Thiago .....	93
Figura 19. Notícia da inauguração do ginásio de esporte do loteamento Alice .....	93
Figura 20. Imigrantes Venezuelanos jogando beisebol no campo do loteamento Thiago. ....	97
Figura 21. Imagem de satélite do bairro Fronteira Sul .....	99

Figura 22. Equipes esportivas de veteranos que participam das competições promovidas pela ADGER - Associação desportiva da grande Efapi e Região.....	115
Figura 23. Equipes esportivas femininas que participam das competições promovidas pela ADGER - Associação desportiva da grande Efapi e Região.....	116

### **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1. Rede urbana de Santa Catarina .....	16
Mapa 2. Localização do município de Chapecó em 1917. ....	24
Mapa 3. Situação geográfica de Chapecó .....	25
Mapa 4. Bairros de Chapecó.....	32
Mapa 5. Atrativos populacionais da grande Efapi .....	36
Mapa 6. Localização dos espaços públicos presentes na grande Efapi .....	54
Mapa 7. Mapa de localização do bairro Efapi e do Shopping de Chapecó .....	75
Mapa 8. Localização dos centros comunitários da grande Efapi.....	77

### **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Evolução da população de Chapecó por domicílio.....	28
---	----

### **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1. Respostas dos moradores da grande Efapi sobre qual praça/parque conhece.....	50
---	----

### **LISTA DE BOXES**

Box 1. Capa - espaços públicos da grande Efapi.....	43
Box 2. Praça do Mirante.....	45
Box 3. Praça do Alice .....	47
Box 4. Parque Florestal Efapi.....	49
Box 5. Parque Florestal Colatto.....	51
Box 6. Praça Aquilino Zandavalli.....	53
Box 7. Praça do Zanrosso II.....	55
Box 8. Praça New Villas .....	57
Box 9. Praça New Villas - Quadra de areia .....	59



Box 10. Praça Tomazzeli .....	61
Box 11. Praça Porto Seguro.....	63
Box 12. Praça Pôr do Sol .....	65
Box 13. Praça Don Leonardo .....	67
Box 14. Praça Santa Catarina .....	69
Box 15. Praça New Villas II .....	70
Box 16. Praças Vederti I e II.....	71
Box 17. Área Verde Vederti.....	72
Box 18. Capa - Centros Comunitários do Bairro Efapi .....	74
Box 19. Comunidade do Colatto.....	76
Box 20. Comunidade do Thiago .....	78
Box 21. Comunidade do Jardim do Lago .....	80
Box 22. Comunidade do Zanrosso .....	82
Box 23. Comunidade do Colina do Sol.....	84
Box 24. Comunidade do Soprana .....	86
Box 25. Comunidade do Alta Floresta.....	88
Box 26. Comunidade do Auri Bodanese .....	90
Box 27. Comunidade da Vila Esperança.....	92
Box 28. Comunidade do Alice .....	94
Box 28. Comunidade do Alice .....	96
Box 29. Comunidade da Vila Páscoa .....	98
Box 30. Comunidade do Universidade .....	100
Box 30. Comunidade do Universidade .....	102
Box 31. Finalização dos Box. ....	104

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>DETALHAMENTO METODOLÓGICO .....</b>	<b>18</b>
2.1	O TRABALHO DE CAMPO COMO FERRAMENTA EMPÍRICA DE OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES .....	19
2.2	ENTREVISTAS .....	22
<b>3</b>	<b>O LUGAR DE ONDE SE FALA: A CIDADE DE CHAPECÓ E O BAIRRO EFAPI .....</b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>SOCIABILIDADE E ESPAÇOS PÚBLICOS .....</b>	<b>42</b>
<b>5</b>	<b>CENTROS COMUNITÁRIOS: ESPAÇOS SEMIPÚBLICOS DE SOCIABILIDADE.....</b>	<b>73</b>
5.1	OS CENTROS COMUNITÁRIOS DO BAIRRO EFAPI .....	77
5.2	A SOCIABILIDADE NOS CENTROS COMUNITÁRIOS .....	85
5.3	OS CENTROS COMUNITÁRIOS (OU A FALTA DELES) NOS NOVOS BAIRROS DO VETOR OESTE DE CHAPECÓ .....	97
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA NÃO CONCLUSÃO .....</b>	<b>105</b>
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>107</b>
	<b>APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO .....</b>	<b>113</b>
	<b>APÊNDICE 2 – RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS ONLINE .....</b>	<b>114</b>
	<b>APÊNDICE 3 – EQUIPES ESPORTIVAS DA GRANDE EFAPI.....</b>	<b>115</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A geografia é antes de ser. Quero dizer que antes de ser sistematizada como ciência, a geografia estava presente na vida e nas vivências das pessoas de forma vernacular e, mesmo hoje, quando a geografia já está estabelecida como uma ciência propriamente dita, ela está permeada pelas vivências de todos, mesmo daqueles que nunca aprenderam nem mesmo a ler. A simples coexistência de grupos da sociedade no espaço faz com que a geografia tenha existência.

Partindo desse pressuposto, a existência da sociedade está diretamente ligada às modificações feitas no espaço natural, e as necessidades básicas dos seres humanos dependem da captação de recursos naturais e do desenvolvimento de espaços para a prática social (Santos, 1988; 2012). Quando falamos em necessidades básicas, nos vem à mente imediatamente as necessidades fisiológicas do organismo, mas o básico para a existência da raça humana vai além disso, uma vez que somos seres sociais, portanto a sociabilidade precisa estar nessa lista.

Mesmo conscientes de que a sociabilidade é necessária para a espécie humana, o desenvolvimento de espaços destinados a ela não está entre as prioridades do modo de vida capitalista, de maneira que estes espaços são tratados, muitas vezes, como espaços de ócio, sendo desenvolvidos como espaços decorativos ou apêndices que servem principalmente para intensificar qualquer prática capitalista dentro das cidades.

Ainda que alguns espaços não sejam planejados ou pensados diretamente para a sociabilidade, a sociedade os cria – de forma intencional ou não. Eles passam a existir e moldam o espaço que os envolve e a sociedade que o utiliza. Simultaneamente existem espaços que são criados com o objetivo de atrair pessoas para socializar, mas não são utilizados nesse sentido, isso nos remete a Lefebvre (2013) quando fala da diferença da concepção dos espaços e das vivências da sociedade neles.

O espaço público pode ser entendido como todo e qualquer espaço que tenha relação direta com a vida pública (Gomes, 2002). Nesse sentido, todos os ambientes que prestam serviços aos cidadãos de determinado lugar são espaços públicos. Entretanto, nem todos esses espaços são de uso comum; em alguns deles, como escolas, fóruns, delegacias etc., o uso é restrito para determinadas atividades – são

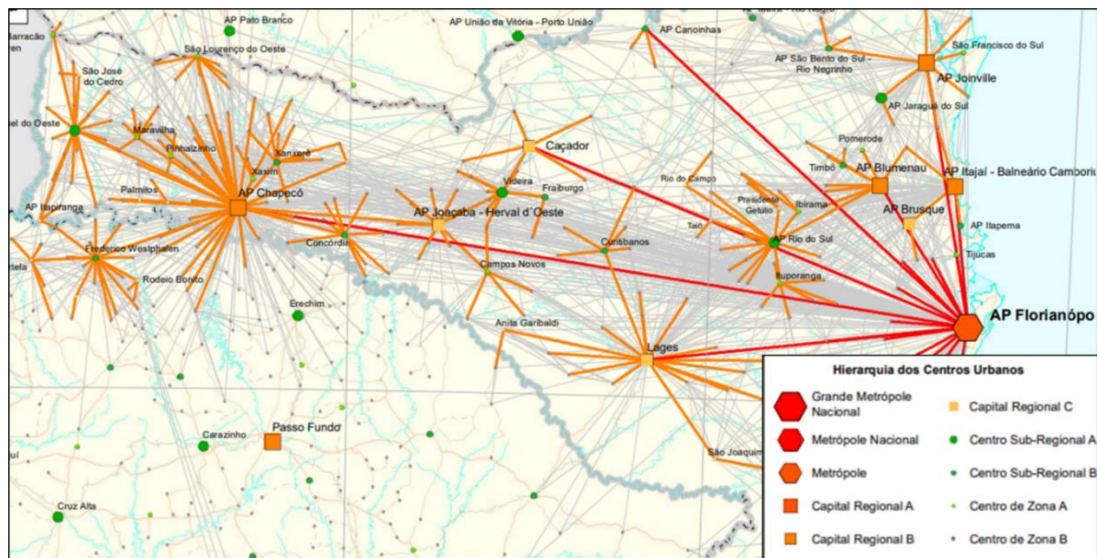
os chamados espaços públicos institucionais. É por isso que existem os espaços públicos comuns, que são as ruas, os parques e praças. Nesses espaços públicos comuns, o uso é livre por definição (Gomes, 2002; Cordeiro, 2008). Quando usarmos a expressão espaços públicos nessa pesquisa, estamos nos referindo aos espaços públicos comuns.

A evolução da urbanização passou por muitas fases até chegar ao que vivemos hoje e pode-se dizer o mesmo sobre os espaços públicos, que existem desde as cidades pós-revolução neolítica. Nesse contexto, os espaços públicos surgem associados à ideia de poder político (Soja, 2014), o que resultou em ações que se perpetuam até a atualidade. No fim da era augustiana, em Roma, por exemplo, a vida pública era obrigatória e isso fez com que as práticas públicas acontecessem de forma mecânica, sem que as pessoas tivessem vontade de estar ali. Por essa razão o espaço privado surge, ou seja, como uma maneira de fugir dos espaços públicos (Sennett, 1999). Essa fuga para os espaços privados ainda se reflete nas práticas atuais, uma vez que tratamos os espaços públicos como alheios à nossa vida, como se fôssemos obrigados a usar uma máscara para frequentá-los, uma máscara de civilidade no dizer de Sennett (1999). Essa civilidade forçada afasta as pessoas dos espaços públicos, mas a sociabilidade é uma necessidade social e nem sempre o espaço privado é suficiente para essa prática, ainda mais atualmente quando as casas estão cada vez menores e mais fechadas.

O uso, a existência ou inexistência, entre outros temas relacionados aos espaços públicos, são amplamente discutidos pela geografia. Nesse sentido, buscamos ampliar esses estudos ao direcionar a pesquisa para a periferia de cidades médias. Esse direcionamento nos permite fazer um paralelo entre periferia e centro no tocante ao direito à cidade, e analisar se existem e quais são as diferenças no direito à cidade concedido ou demandado pela população.

Assim, optamos pela cidade de Chapecó, localizada no oeste de Santa Catarina, porque é uma cidade média com centralização regional suficiente para colocá-la como Capital Regional B, na REGIC de 2018, na mesma posição que cidades com mais do que o dobro de sua população, como Joinville (mapa 1). Essa posição regional é a expressão do grau de complexidade interna das suas funções urbanas, da estruturação de seu espaço e das articulações que Chapecó estabelece com outras cidades na rede urbana e com o campo ao redor.

Mapa 1. Rede urbana de Santa Catarina



Fonte: Extraído de IBGE (2020).

Dentro da cidade de Chapecó, propomos estudar a grande Efapi, porção oeste da malha urbana chapecoense, composto por quatro bairros: Efapi, Fronteira Sul, Araras e Vederti. Desses quatro bairros, três são de formação relativamente recente, com loteamentos estruturados de acordo com os últimos planos diretores da cidade, e o mais antigo, Efapi, com formação na década de 1980, e mais orgânica, sem um planejamento muito bem definido. Considerando esse recorte, fizemos um mapeamento dos espaços públicos disponíveis e, numa análise geo-histórica (Soja, 2014) do bairro.

Inicialmente consideramos como objetos de análise os espaços públicos localizados na grande Efapi, isto é, praças e parques. Com o desenvolvimento da pesquisa, foi necessário que ampliássemos nosso escopo de análise também para os espaços semipúblicos de sociabilidade, que, nesse caso, são os centros comunitários.

O objetivo geral do trabalho é a análise das práticas de sociabilidade das pessoas da periferia de Chapecó, quais são elas e quais os espaços utilizados nessas práticas. Para isso, definimos alguns objetivos específicos; são eles: mapear e caracterizar os espaços públicos da grande Efapi; identificar os centros comunitários da grande Efapi, bem como as práticas de sociabilidade realizadas nestes e a partir destes espaços semipúblicos; discutir a relação entre a sociabilidade na periferia de Chapecó e a busca pelo direito à cidade; e por fim, refletir sobre a relação da sociabilidade da periferia de Chapecó com o contexto urbano-regional em que a cidade está inserida.

Além da introdução e dos detalhamentos metodológicos, o texto está estruturado em três capítulos, sendo o primeiro intitulado “O lugar de onde se fala: Chapecó e o bairro Efapi”; nesse capítulo o objetivo é situar o leitor, geográfica e historicamente, do recorte espacial feito e, com isso, justificar a escolha desses espaços.

O segundo capítulo traz uma fundamentação teórica sobre espaços públicos e sociabilidade, já abordando aspectos observados nos espaços públicos da grande Efapi, que foram visitados no desenvolvimento da pesquisa.

O terceiro e último capítulo, intitulado “Centros comunitários: espaços semipúblicos de sociabilidade”, fala sobre os centros comunitários do bairro Efapi, em como eles se desenvolveram com o passar do tempo e como eles cumprem uma função social característica da periferia, bem como seu papel na busca do direito à cidade.

E, por último, mas não menos importante, vocês perceberão que todo o corpo da dissertação estará permeado com boxes em páginas alternadas com o texto, que contém informações de campo dos espaços públicos e semipúblicos do bairro Efapi.

Espero que seja proveitosa a leitura.

## 2 DETALHAMENTO METODOLÓGICO

A escolha da metodologia é uma etapa muito importante ao elaborarmos uma proposta de pesquisa científica, pois é ela que vai balizar a forma como iremos chegar aos resultados pretendidos e como iremos olhar para as respostas que obtivermos. A metodologia “é o exame do processo mesmo de produção de conhecimento científico” (Turra Neto, 2012, p. 1).

Ao definir o tipo de pesquisa que será realizada – pesquisa qualitativa ou pesquisa quantitativa –, é importante que se tenha em mente o que se pretende alcançar. Além disso, é fundamental compreender que as duas formas de captação/produção de dados e informações se complementam (Turra Neto, 2012).

Para alcançar os objetivos pretendidos com a pesquisa que originou esta dissertação, a metodologia de pesquisa principal adotada foi a qualitativa. A escolha dessa metodologia leva em consideração que as práticas sociais cotidianas não podem ser medidas a partir de quantidades (Góes *et al*, 2019), descartando *a priori* as metodologias quantitativas. Isso significa que em algum momento elas comporão as discussões, mas apenas de forma secundária.

Além disso, é preciso deixar claro que o ponto de vista usado foi o de pesquisador participante, ou de imersão (Turra Neto, 2008; 2012). Essa posição foi necessária levando em consideração minha posição como moradora do bairro, portanto, não seria possível ou produtivo para as análises e coleta de informações um distanciamento do objeto.

As conversas informais começaram a acontecer desde o início do projeto de pesquisa, com conhecidos e desconhecidos, desde almoços entre amigos e familiares até conversas em pontos de ônibus ou fila de banco. Foi a partir delas que comecei a organizar a metodologia a ser desenvolvida nas etapas seguintes, bem como na definição de quais espaços seriam observados, quais pessoas seriam entrevistadas e quais perguntas seriam feitas nas entrevistas.

Quando se trata de obter informações qualitativas, as conversas informais são uma metodologia de pesquisa valiosa para a ciência, mesmo que não sejam tão valorizadas quando se trata de metodologias e costumem ser vistas como algo menos importante ou cientificamente menos válido, resquício do positivismo nas ciências sociais.

As conversas informais são usadas, principalmente, como uma introdução à pesquisa qualitativa, pois elas fornecem informações importantíssimas para que possamos desenvolver uma estrutura de entrevistas, por exemplo (Nicolaci-da-Costa, 2007). No nosso caso, o papel das conversas informais foi ainda maior. As conversas informais nos permitiram obter informações das pessoas em momentos oportunos, sem a necessidade de uma programação, como quando fazemos entrevistas, levando em consideração que a nossa busca era sobre práticas de sociabilidade, em particular as que ocorrem espontaneamente.

Conseguimos, portanto, obter vários insights a partir de conversas informais nesses momentos. Além disso, elas aconteceram em pontos de ônibus, almoços de entidades sindicais, nas escolas em que trabalho como professora, dentre outros espaços.

A riqueza das conversas informais está na liberdade do diálogo propriamente dito, quando não temos um roteiro pré-organizado, não estamos buscando ouvir nada específico nem as pessoas estão esperando perguntas e supondo respostas que precisam dar, portanto, descobrimos informações muitas vezes inéditas, até mesmo nas hipóteses que tínhamos. As conversas informais no caso da pesquisa no bairro Efapi foram ainda mais importantes, pois quando eu falava sobre o que estava pesquisando, as pessoas, em geral, tinham muito a dizer, o que também se misturava ao orgulho em pertencer ao bairro, de estar aqui desde o início do bairro, de ver o desenvolvimento do bairro, o que fez com que as pessoas falassem muito e sobre muitas coisas.

As conversas informais também são úteis quando as pessoas ou entidades relacionadas não permitem que sejam feitas entrevistas – isso aconteceu no shopping em pesquisa anterior, por exemplo. No desenvolvimento dessas conversas, todas as respostas nos encaminharam para os centros comunitários e então pudemos focar nossas observações de campo e entrevistas nesses espaços.

## 2.1 O TRABALHO DE CAMPO COMO FERRAMENTA EMPÍRICA DE OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES

A geografia é uma ciência social, isso significa que é fundamental estar no espaço para poder pensá-lo e analisá-lo. O trabalho de campo, nesse sentido, é uma



ferramenta primordial na análise espacial feita pela geografia. Serpa (2006) afirma que é fundamental fazer um recorte espacial coerente com os fenômenos que se objetiva analisar. Contudo, é preciso lembrar que não existe hierarquia entre os diferentes espaços, apenas a noção de que diferentes recortes espaciais dão visibilidade a diferentes fenômenos espaciais.

Uma vez que nosso recorte foi estabelecido – a grande Efapi –, o primeiro procedimento de campo, realizado em paralelo com as conversas informais, foi realizar percursos de automóvel por todo o perímetro urbano desse conjunto de bairros e inicialmente visualizar quais espaços públicos – praças e parques – existiam. A partir dessa varredura inicial e identificação dos espaços, iniciamos o mapeamento e observação de cada um deles.

Foram identificados, inicialmente, sete espaços públicos, número que foi crescendo ao desenrolar da pesquisa quando novas varreduras do espaço foram sendo feitas, surgiram por serem construídos posteriormente às primeiras visitas, ou apenas por não terem sido visualizados em um primeiro momento.

Classificamos como espaços públicos: as praças – espaços calçados ou não, com infraestrutura propícia para sociabilidade, como bancos, mesas ou brinquedos de parquinho infantil; e áreas verdes – que podem também ser definidos como parques, se diferenciam das praças pelo tamanho, uma vez que são espaços maiores, com predomínio de arborização e trilhas para caminhada.

Cada um dos espaços observados foi visitado para observação, no mínimo, duas vezes: uma vez durante a semana e outra aos fins de semana, sempre durante o dia. Alguns espaços, naqueles com maior fluxo de pessoas, a quantidade de observações foi maior. Todos os primeiros campos foram mediados por um quadro de observação (figura 1), que sugeria pontos a serem observados. A partir da segunda observação, as anotações foram sendo feitas de maneira mais orgânica.

Figura 1. Quadro organizacional utilizado como orientador nas observações de campo dos espaços públicos da grande Efiapi.

QUADRO ORGANIZACIONAL DE TRABALHOS DE CAMPO			COD -	
Data	Dia da semana	Horário – Início Fim		
Características climáticas			Temperatura	
Nome do espaço				
Tipo – Praça Parque Centro comunitário		Cercado/fechado – Sim Não		
Endereço				
Coordenadas geográficas				
Infraestrutura disponível – parque infantil quadras esportivas água banheiros bancos mesas acessibilidade iluminação outros: churrasqueiras, aparelhos de ginastica simples				
Tem horario especifico de funcionamento – Não Sim, _____		Tipo de público presente – Crianças sozinhas Crianças acompanhadas Adolescentes Adultos Idosos		
Observações				

Fonte: Adaptada de um modelo sugerido pela equipe do projeto de pesquisa FragUrb/Fapesp/Unesp.

Além das anotações feitas, algumas fotografias também foram tiradas. Como a maior parte delas não coube no desenvolvimento da dissertação, incluí algumas, junto com anotações sobre cada um dos espaços públicos em boxes apresentados ao longo do trabalho.

Com o desenrolar da pesquisa e com as informações obtidas, além de observar os espaços públicos que foram descritos e assim entendidos, os centros comunitários passaram a ser tanto fonte de informação como objeto de análise da pesquisa e, por essa razão, também foram identificados e mapeados.

No caso dos centros comunitários, como configuram espaços semipúblicos, segundo nossa interpretação, não foi possível fazer observação de campo em todos eles, mas apenas naqueles em que aconteceram eventos no período do desenvolvimento da pesquisa. Inicialmente o objetivo era observar todos, assim como foi feito com os espaços públicos, inclusive o quadro (figura 1) foi adaptado para isso, contudo não foi possível, seja pelas implicações da pandemia de Covid-19 no início da pesquisa, seja pela ausência de atividades organizadas no período.

Em todas as oportunidades, eventos realizados que condiziam com minha agenda pessoal – lembrando que tive bebê nesse período – foram observados. Além disso, fotografias, ao menos do espaço externo, foram feitas de todos os espaços. Assim como os espaços públicos, os centros comunitários foram mapeados e um pequeno dossiê com fotografias e informações foi adicionado nos boxes.

Os mapeamentos foram feitos associando as visitas feitas a campo com o trabalho de gabinete. Utilizando-nos de bases cartográficas disponibilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pela prefeitura de Chapecó, bem como coordenadas obtidas no Google Maps, as informações foram traduzidas em mapas utilizando o software livre QGIS, disponível nos computadores do Laboratório de Geotecnologias da UFFS.

## 2.2 ENTREVISTAS

Escolher fazer entrevistas, no nosso caso, foi fundamental para confirmar algumas informações obtidas através das conversas informais, tendo sido preciso, portanto, fazer perguntas para as quais já havíamos obtido respostas. Fazer entrevista é um trabalho difícil, demanda controle e “atenção permanente do pesquisador aos seus objetivos, obrigando-o a colocar-se intensamente à escuta do que é dito, a refletir sobre a forma e conteúdo da fala do entrevistado” (Brandão, 2008, p. 8).

Ao propormos entrevistas como uma das ferramentas metodológicas dessa pesquisa, organizamos roteiros semiestruturados e os aspectos abordados foram desenhados a partir das conversas informais. Esse roteiro foi se remodelando com o passar das entrevistas e a versão final está disponível em apêndice (apêndice A).

Foram entrevistadas 10 pessoas. Procuramos conversar com líderes comunitários ou pessoas que se envolviam mais diretamente nas atividades dos centros comunitários. Como o enfoque foi nessa característica, não houve um equilíbrio entre faixa etária e gênero, pois, em geral, os líderes comunitários são homens na faixa dos 55 anos. Apenas duas mulheres foram entrevistadas, ambas envolvidas com atividades sociais dentro dos centros comunitários, não como lideranças. Devo ressaltar, ainda, que não foram usados trechos de todas as entrevistas no corpo do texto, mas as informações obtidas com todas elas foram incorporadas nos resultados obtidos.

As entrevistas foram realizadas de duas formas: a distância, quando aconteceram no período pandêmico, e essas não foram gravadas<sup>1</sup>, mas sim respondidas de forma escrita ou por anotações feitas durante as videochamadas; presencialmente, no período pós-pandêmico, e essas foram gravadas em áudio e algumas ainda receberam participações especiais de outras pessoas que estavam presentes no mesmo espaço. A análise das entrevistas focou no conteúdo e, para classificar as informações obtidas, agrupamos as respostas por perguntas (temas), assim poderíamos confirmar informações com mais facilidade.

No corpo do texto, as entrevistas estão dispostas na forma de citação longa e os nomes atribuídos aos entrevistados são fictícios.

---

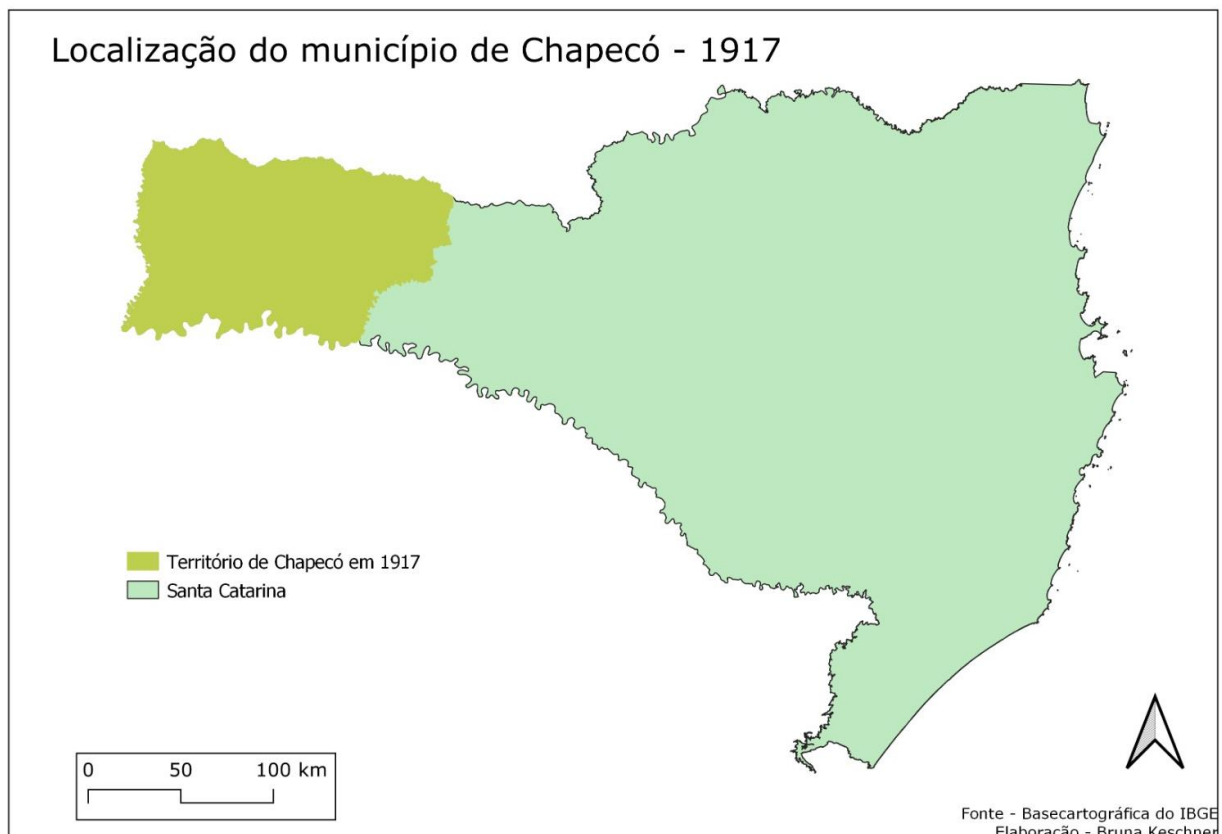
<sup>1</sup> Optamos por não gravar as entrevistas feitas a distância por razões de preservação da identidade dos entrevistados, cujos rostos estariam visíveis nas gravações, ou mesmo por dificuldades associadas à qualidade das conexões ou dos equipamentos utilizados.

### 3 O LUGAR DE ONDE SE FALA: A CIDADE DE CHAPECÓ E O BAIRRO EFAPI

O espaço geográfico é a soma do impacto das práticas sociais nele e dos impactos dele nas práticas sociais (Santos, 2012; Carlos, 1982). Isso quer dizer que os aspectos do espaço interferem nos desenrolares da sociedade, portanto, é muito importante que localizemos nosso objeto de análise, tanto espacial quanto temporalmente, afinal, as práticas sociais da atualidade são resultado da geo-história de uma ocupação territorial (Alba, 1998).

A cidade de Chapecó, localizada no oeste de Santa Catarina, foi fundada em 1917 e no momento de sua colonização ocupava praticamente todo o oeste do estado – aproximadamente 14 mil km<sup>2</sup> (mapa 2) (Alba, 1998; Renk, 2004; Gretzler, 2011). Antes da ocupação de seu território, no período do Estado Novo, o oeste catarinense era considerado um território despovoado, ignorando a existência de todos os povos indígenas e caboclos que já habitavam a região (Alba, 1998; Renk, 2004).

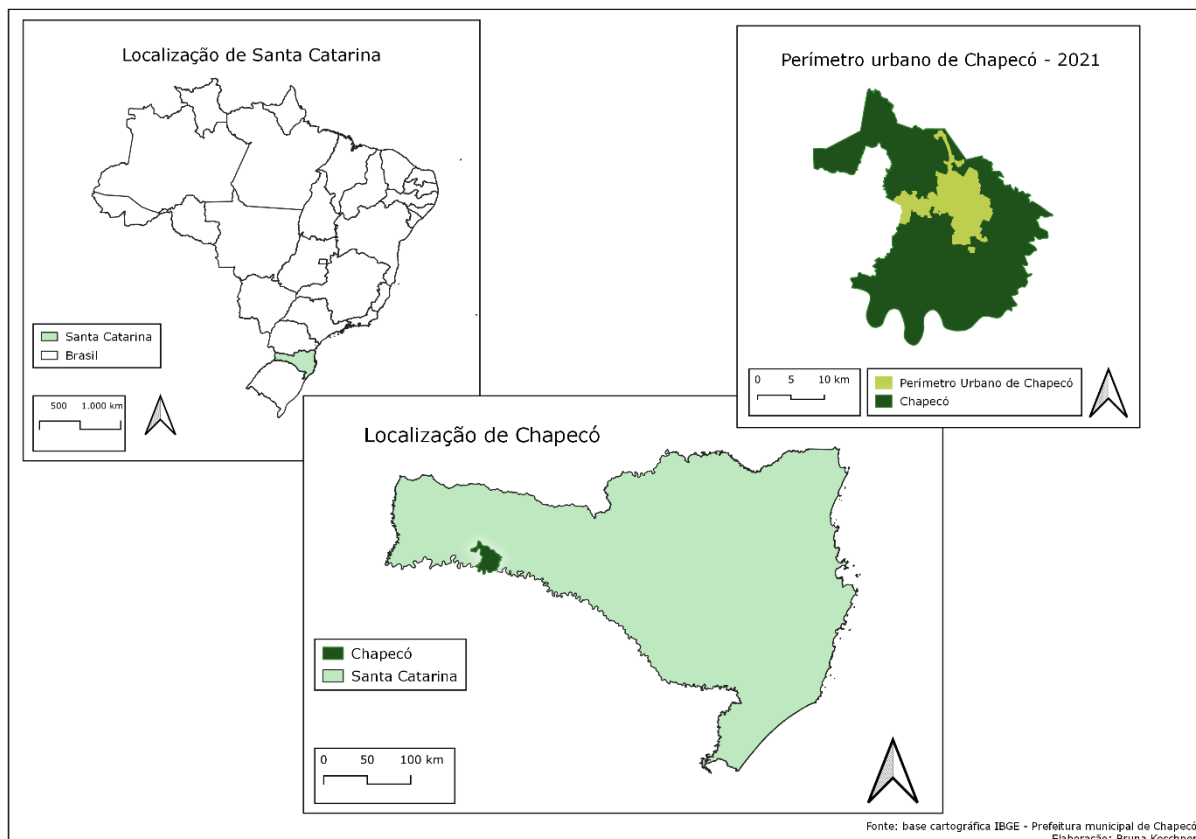
Mapa 2. Localização do município de Chapecó em 1917.



As terras do grande oeste foram colonizadas por empresas colonizadoras provenientes do estado do Rio Grande do Sul, que venderam milhares de lotes para gaúchos, descendentes de italianos e alemães, expulsando, necessariamente, as pessoas que já viviam aqui – índios e caboclos – sob grandes atos violentos (Alba, 1998; Hass, 2001). Essas populações marginalizadas, quando não assassinadas, encontraram como alternativa de sobrevivência se tornar mão de obra nas novas propriedades da região, e na construção da nova sede do município de Chapecó.

Desde seu estabelecimento em 1917 até os dias atuais, Chapecó passou por uma série de desmembramentos e emancipações de modo que sua extensão territorial atual está bem longe de ser o que foi (mapa 3), contudo sua importância regional se cristalizou, e a centralidade que a sede tinha permaneceu agora como centro regional no oeste de Santa Catarina (Motter e Ribeiro Filho, 2017; Lemos e Keschner, 2021).

Mapa 3. Situação geográfica de Chapecó



Inicialmente o aglomerado de casas que conformava Chapecó era apenas uma vila (figura 2) e seu único objetivo era atender as necessidades da população rural

estabelecida no município (Motter e Ribeiro Filho, 2017; Alba, 2002). Essas atividades, mesmo que comerciais em sua maioria, não movimentavam capital suficiente para proporcionar para o município de Chapecó um desenvolvimento econômico, e menos ainda um crescimento populacional urbano.

Figura 2. Fotografia do aglomerado urbano de Chapecó em setembro de 1940



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/424444854272217>

O desenvolvimento da cidade de Chapecó está intimamente ligado com a instalação de agroindústrias que atraiu pessoas das áreas rurais para o centro urbano. As agroindústrias foram instaladas em Chapecó com o auxílio de programas governamentais e incentivos fiscais por parte do governo do estado (Grosseli, 2020).

Na década de 1950, a cidade de Chapecó já tinha assumido seu papel como centro regional (Reche, 2008) com um incremento urbano significativo em relação ao censo anterior, e isso coincidiu com as primeiras instalações industriais da cidade (Reche, 2008; Grosseli, 2020).

O Frigorífico Chapecó Alimentos, inaugurado em 1952, que estava voltado para o beneficiamento de carne e produtos derivados dos suínos, foi o primeiro a ser implantado. Essa, bem como as demais indústrias que se instalaram nos anos seguintes, tinham o objetivo de movimentar o mercado de terras, atraindo mão de obra, e, conseqüentemente, habitantes. A instalação dessa agroindústria foi responsável pela motivação do processo de urbanização de Chapecó (Facco, Fugita e Berto, 2014; Alba, 2002) e, como aponta Grosseli (2020), começaram a surgir inclusive edifícios verticais já nessa época. Esse salto de crescimento da cidade é evidente quando comparadas imagens de 1940 (figura 2), de 1950 (figura 3) e de 1957 (figura 4).

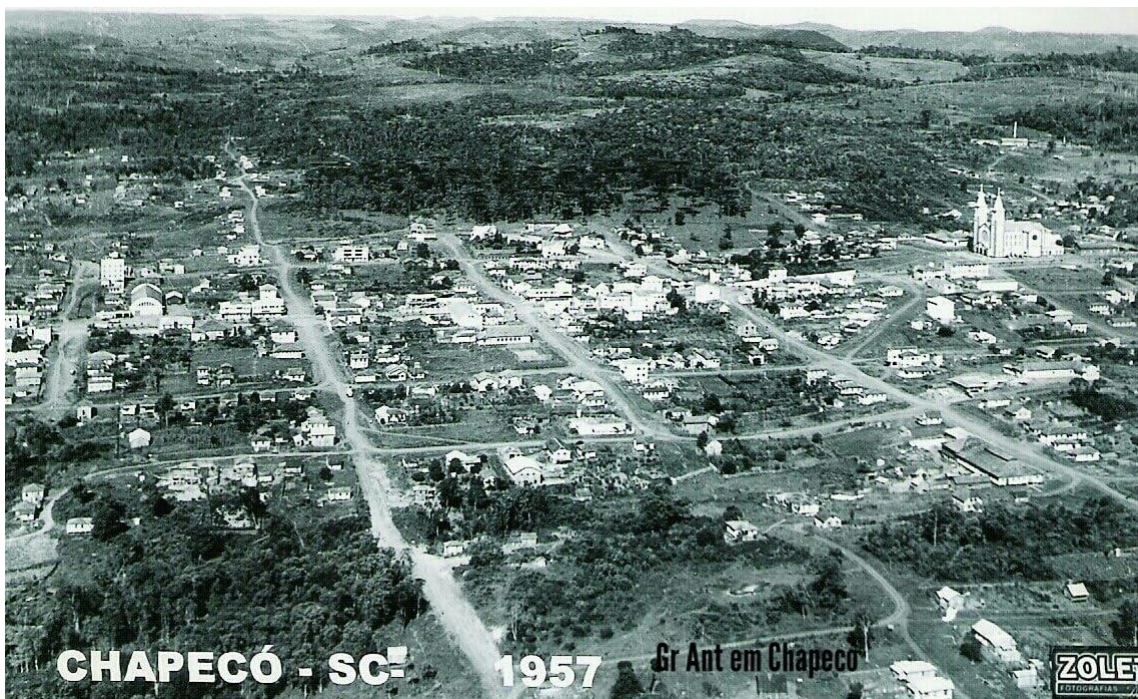


Figura 3. Fotografia da área central de Chapecó, logo após o incêndio da Igreja Matriz, em 1950



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/424444854272217>

Figura 4. Fotografia do núcleo urbano de Chapecó no ano de 1957



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/424444854272217>



Observando a figura 4, pode-se notar um ordenamento ortogonal nas ruas de Chapecó, o que foi planejado em 1931 (Gretzler, 2011; Facco, Fugita e Berto, 2014).

Em 1931, houve a primeira tentativa de planejar o espaço urbano com o desenho do traçado das ruas, o que se pode associar com o esboço do primeiro Plano Diretor, famoso por possuir o traçado de malha urbana ortogonal. Com isso, Chapecó ficou conhecida como uma cidade planejada. As ruas foram organizadas e projetadas com um traçado largo, longo e retilíneo, já pensadas para um crescimento futuro (FACCO, FUGITA E BERTO, 2014).

Contudo, a população urbana de Chapecó só ultrapassa a população rural no decorrer da década de 1970 (tabela 1). Esse aumento pode ser atribuído a uma mudança no setor produtivo, deixando de ser apenas de produção agrícola e passando a depender mais das agroindústrias que estavam sendo implantadas (Grosseli, 2020).

Tabela 1. Evolução da população de Chapecó por domicílio

ANO	POPULAÇÃO		POPULAÇÃO		POPULAÇÃO TOTAL
	URBANA		RURAL		
<b>1940</b>	4.128	9,31%	40.199	90,69%	44.327
<b>1950</b>	9.736	10,08%	86.868	89,92%	96.604
<b>1960*</b>	10.939	21,00%	41.150	79,00%	52.089
<b>1970**</b>	20.591	41,09%	29.526	58,91%	50.117
<b>1980</b>	55.226	65,92%	28.546	34,08%	83.772
<b>1991</b>	96.751	78,63%	26.299	21,37%	123.050
<b>2000***</b>	134.592	91,58%	12.375	8,42%	146.967
<b>2010</b>	168.113	91,60%	15.417	8,40%	183.530
<b>2022****</b>	-	-	-	-	254.781

\* em 1953, através da lei nº 133 de 30 de dezembro, foram criados 8 novos municípios (São Miguel do Oeste, Itapiranga, Mondaí, Dionísio Cerqueira, Palmitos, São Carlos, Xaxim e Xanxerê, desmembrados do território de Chapecó, fazendo com que Chapecó perdesse território e consequentemente população. Em 1958, através da Lei nº 348 de 21 de junho, foram criados os municípios de Campo Erê e São Lourenço do Oeste.

\*\*em 1961, pela Lei nº 763 de 6 de outubro, foram criados os municípios de Coronel Freitas e Quilombo. No ano seguinte, através da Lei nº 866 de 14 de dezembro de 1962, foram criados os municípios de Caxambu do Sul e Águas de Chapecó.

\*\*\* Em 26 de setembro de 1991, pela Lei nº 8.654 houve a emancipação de Nova Itaberaba e, três meses depois, através da Lei nº 8.482 de 12 de dezembro de 1991, foi criado Guatambu. Em 1992, o último desmembramento, criou o município de Cordilheira Alta, através da Lei nº 8.557 de 30 de março de 1992.

\*\*\*\* Os dados de situação de domicílio do último recenseamento não foram divulgados pelo IBGE até a data da divulgação deste trabalho. É provável, entretanto, que a população rural do município tenha atingido valores inferiores a 8%, haja vista o grande crescimento dos loteamentos urbanos no período.

Fonte: IBGE recenseamento 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010, 2022

Essa ampliação da malha urbana de Chapecó foi a responsável pela formação das periferias e o contexto agroindustrial reflete ainda hoje essa configuração. Podemos observar pelas imagens a seguir (figuras 5 e 6), a ordem de crescimento das áreas urbanas ocupadas em Chapecó, desde 1957.

É perceptível, principalmente nos anos de 1965 e 1979, um desenvolvimento urbano no sentido oeste, e se observarmos o traçado urbano (que é de 2009) podemos notar que nessa região, apesar de sua distância do centro, surge o maior bairro da cidade de Chapecó, o bairro Efapi.

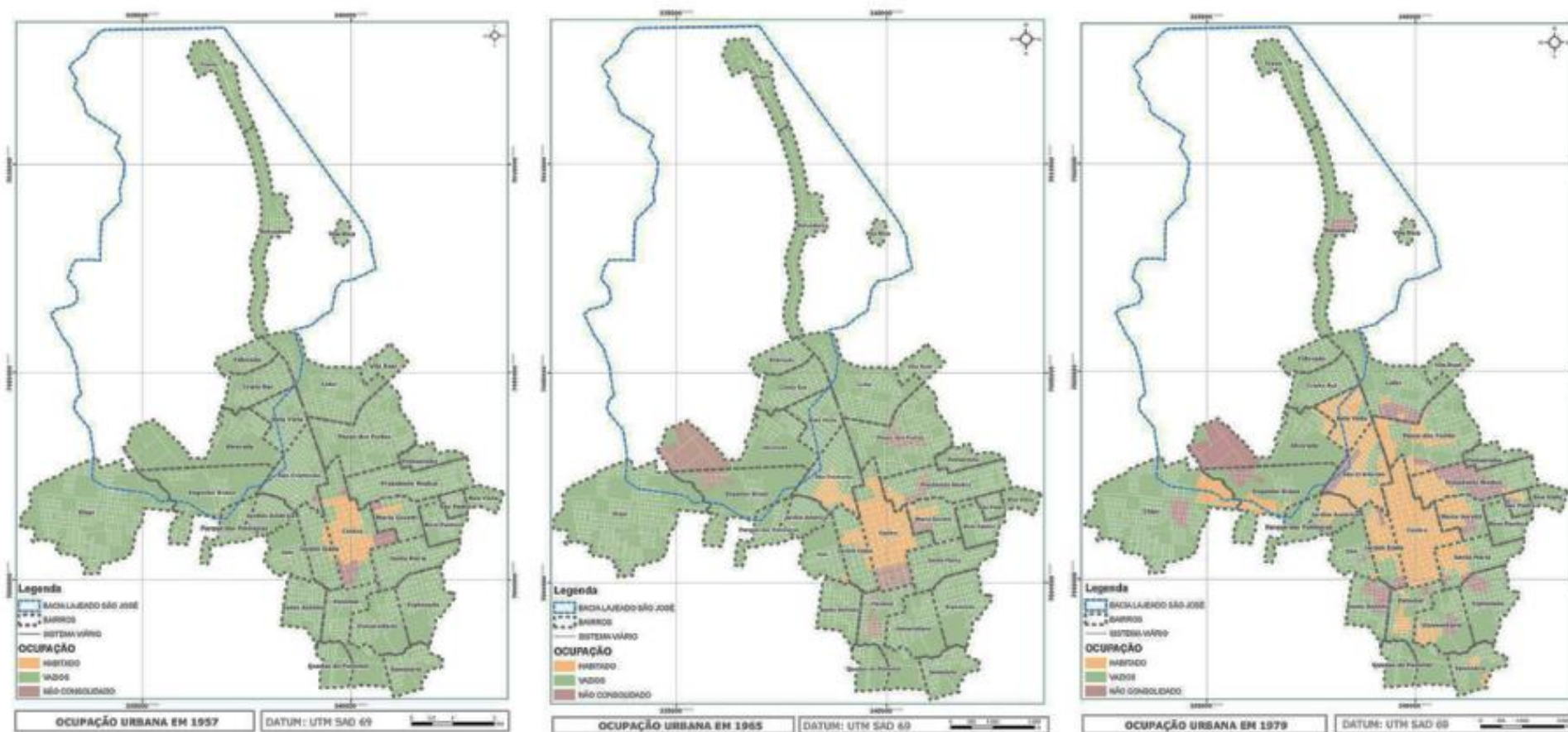
Atualmente, podemos considerar Chapecó uma cidade média (Matiello *et al.*, 2016), pois, para identificar esta categoria de cidades, devemos levar em consideração dois aspectos diferentes, mas interrelacionados: seu tamanho e sua importância regional (Costa, 2002).

O que podemos afirmar é que o número de cidades médias está aumentando, bem como sua importância e função (Batella, 2019). Por essa razão é fundamental que busquemos uma definição mais clara. Para Batella (2019), uma cidade média pode ser considerada como a “urbe” ideal, pois apresenta um equilíbrio entre tamanho e função, além de ser um polo de crescimento. Os estudos acerca das cidades médias têm ganhado força desde a década de 1990 (Amorim Filho, 2007; Batella, 2019), mas não é tão recente seu aparecimento nos estudos urbanos, que datam da década de 1970 (Sposito, 2001). A partir desses estudos sobre cidades médias, conseguimos chegar em uma definição mais precisa sobre elas, já que o aspecto quantitativo, por si só, diz realmente muito pouco (Batella 2019; Sposito, 2001).

[...] tanto maiores poderão ser os papéis urbanos de uma cidade, quanto mais distante ela estiver de outras que, pertencentes a níveis superiores da hierarquia urbana, possam oferecer mais bens e serviços à sociedade. (SPÓSITO, 2001. p. 627)

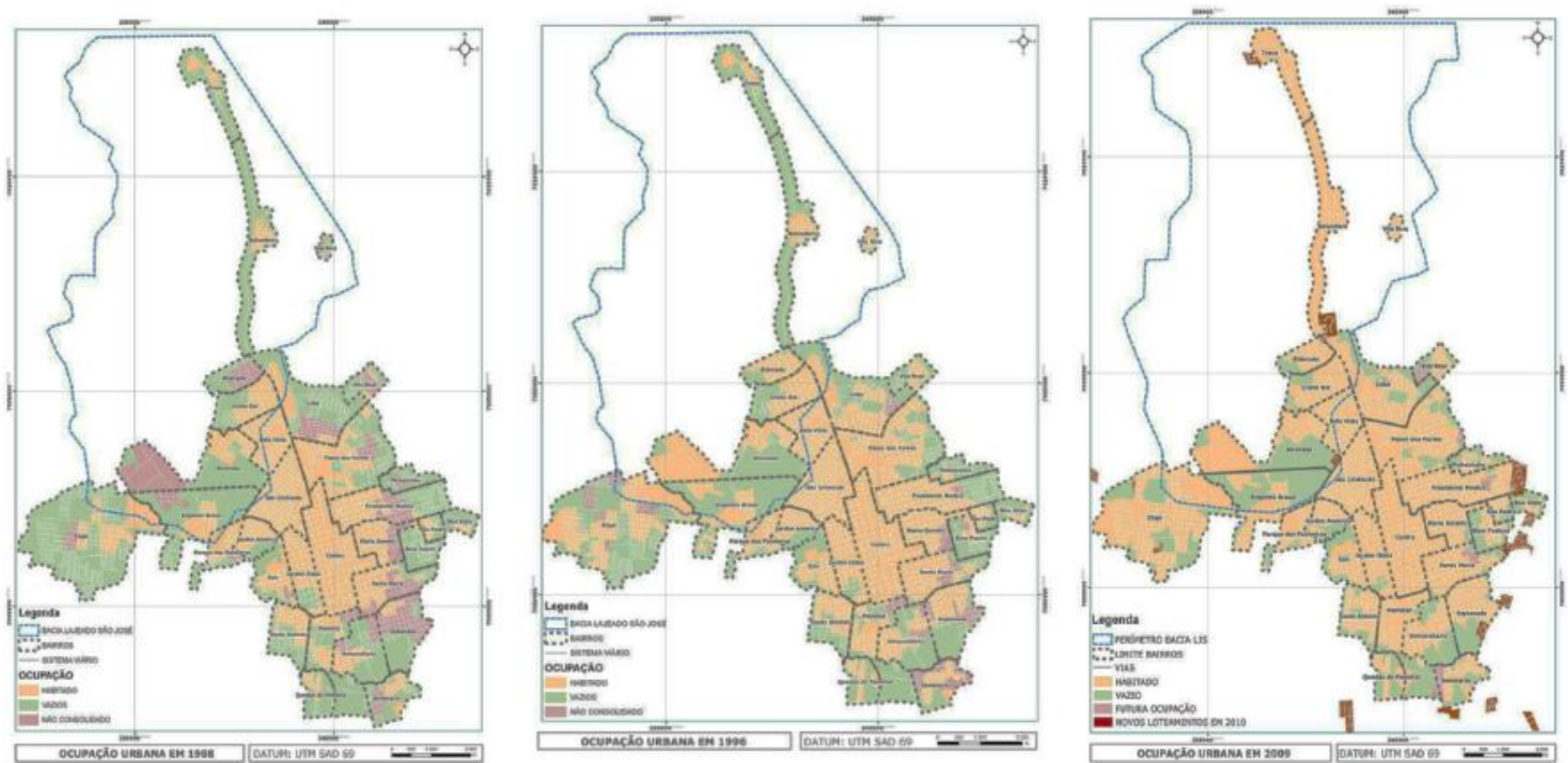
Segundo essa lógica, encontramos Chapecó, classificada como Capital Regional B (IBGE, 2018) na rede urbana de Florianópolis. Segundo dados do IBGE, a cidade de Chapecó hoje tem uma extensão territorial de 624,846 km<sup>2</sup> (2019), e uma população de 254.781 habitantes (IBGE, 2022). Cerca de 91,6% da população chapecoense vivia em áreas urbanas do município em 2010, quadro que provavelmente não se alterou no último intervalo censitário, caracterizando Chapecó como um município muito urbanizado.

Figura 5. Evolução da ocupação urbana na cidade de Chapecó-SC.



Fonte: Imagem adaptada de FACCO, FUGITA e BERTO, 2014

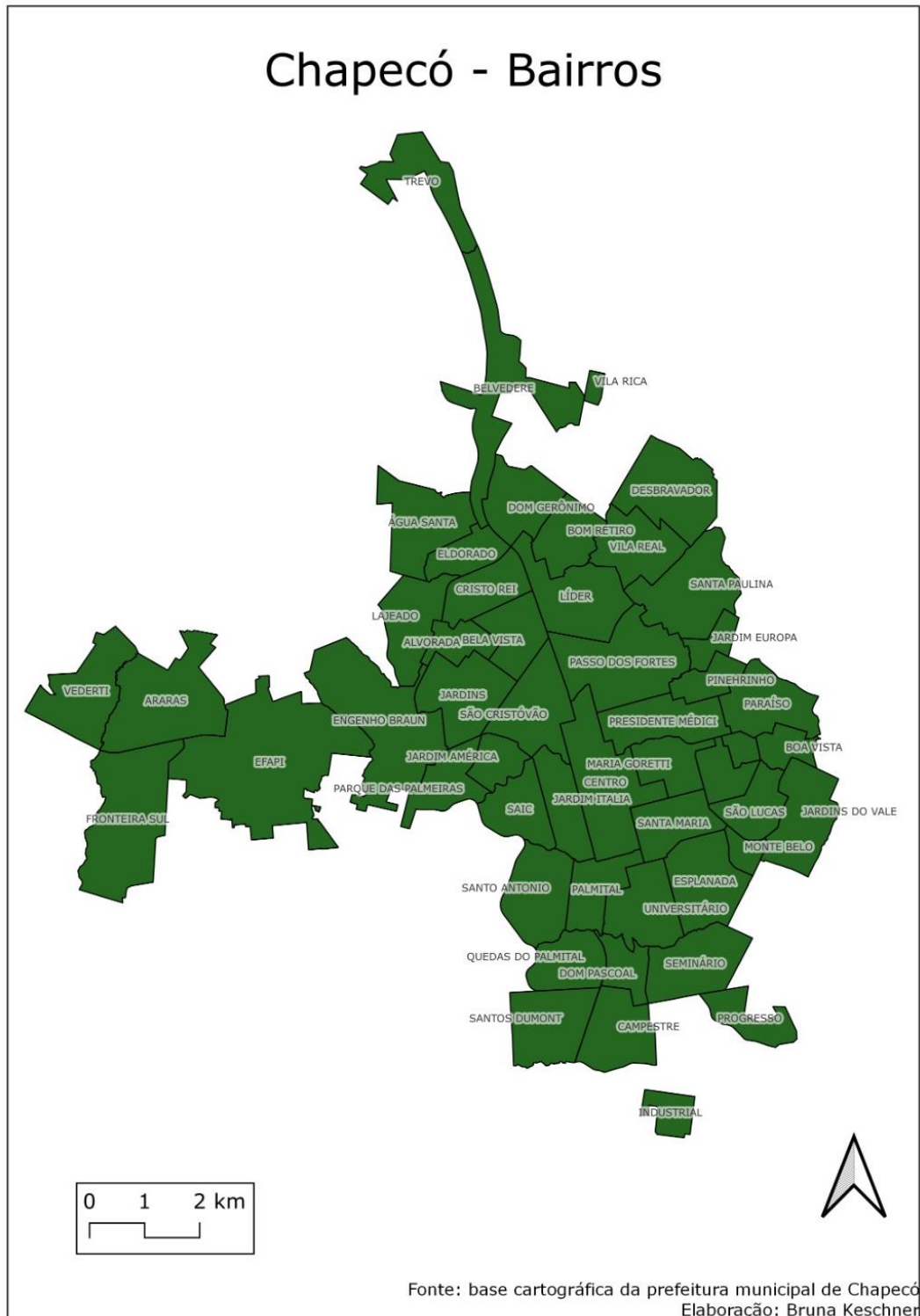
Figura 6. Evolução da ocupação urbana na cidade de Chapecó-SC.



Fonte: Imagem adaptada de FACCO, FUGITA e BERTO, 2014.

Até 2014, a cidade de Chapecó contava com 32 bairros, contudo, a partir da elaboração do Plano Diretor de 2014, Chapecó tem seu perímetro urbano redesenhado e passa a contar com 51 bairros (mapa 4).

Mapa 4. Bairros de Chapecó



Desses cinquenta bairros, encontramos nosso objeto de análise no vetor oeste, grande Efapi (Efapi, Vederti, Araras e Fronteira Sul). Usaremos o termo 'grande Efapi',



pois na configuração anterior a 2014 o bairro Efapi abrangia quase toda a zona oeste da cidade, mas foi dividido em quatro diferentes bairros: Efapi, Vederti, Fronteira Sul e Araras, formando a grande Efapi.

Apesar de o desmembramento ser recente, o bairro Efapi é datado do final da década de 1980 e seu surgimento se dá com o conjunto da implantação das agroindústrias na cidade, mais especificamente com a Sadia em 1973 (Reche, 2008). Oficialmente, o bairro Efapi surge na década de 1980 (Kovalski, 2017), com a implantação do primeiro loteamento, Colatto, seguido pelo segundo, Thiago. Esses loteamentos foram constituídos com a ajuda de financiamentos habitacionais, que na época eram chamadas de casas populares, construídas pelo então Banco Bamerindus, posteriormente incorporado pelo banco HSBC. É o que relata um dos entrevistados da pesquisa, morador antigo do bairro:

Eu vim morar aqui porque era perto da BRF, que era a Sadia. Quem comprou aqui foi meu irmão e meu cunhado, em emprestei meu nome pra eles, mas depois eles não venceram pagar e eu comprei deles. [...] era financiamento do Bamerindus, daí quando entrou em falência eles fizeram um desconto pra quitar, eu paguei tudo daí<sup>2</sup>.

Essas casas ainda podem ser observadas nos referidos loteamentos e, mesmo que muitas das remanescentes estejam alteradas, é possível notar a padronização entre elas, como nas fotografias da figura 7.

Figura 7. Casas populares, hoje já reformadas, localizadas no loteamento Colatto, bairro Efapi



Fonte: acervo da autora

<sup>2</sup> Jorge, 57 anos, aposentado/autônomo, morador do loteamento Thiago, bairro Efapi.

Outros loteamentos que surgiram depois desses empreendimentos do Bamerindus também foram parcelados, pois isso atraía a mão de obra das agroindústrias, que conformavam uma população de baixa renda. Também exerciam força atrativa os valores dos terrenos, como indicou um dos entrevistados durante a pesquisa, ao contar que, quando comprou seu terreno no bairro Efapi, fez a troca por um carro:

Daí ficou assim, [o proprietário disse] eu só vendo se me dão um carro [...] não interessa, qualquer carro, desde que seja um carro bom não tem problema<sup>3</sup>.

Mas além dessa, muitas outras histórias contam que um terreno poderia ser trocado por uma safra de fumo ou por uma moto. Como as pessoas que vinham tinham a intenção de sair do campo, devido às condições inviáveis da prática da agricultura, ainda mais em comparação às condições oferecidas pelo trabalho industrial na época, elas carregavam consigo muitas das práticas sociais das áreas rurais:

Desde solteiro era objetivo de vim pra cidade, [era difícil?] era meio judiado, era tudo braçal, pesado<sup>4</sup>.  
Naquela época não tinha [outra opção] era todo mundo muito pobre, a gente queria fazer maioria e 'sartá' [saltar/sair]<sup>5</sup>.

Como é possível observar na figura 6, as primeiras ocupações urbanas nesse bairro se deram onde se localiza atualmente a planta fabril da Brasil Foods (BRF), que no momento de sua instalação, em 1973, era a Sadia SA. A industrialização foi uma das principais responsáveis pelo desenvolvimento da cidade de Chapecó, já que mais tarde a Aurora Coop. também passa a fazer parte desse volume de empregos considerável, e o bairro Efapi surge para atender a necessidade de habitação dos trabalhadores dessas indústrias:

Eu saí de casa com 19 anos, trabalhar na Sadia dava uma segurança que a gente não tinha na roça. Tinha salário e também tinha liberdade. O pai comprou terreno pros piás [irmãos, homens] aqui [no bairro Efapi] e nós viemos morar aqui também, era mais fácil, era mais perto da Sadia<sup>6</sup>.  
Eu vim pra Chapecó em 1991, eu tinha 28 anos. Eu vim pra Chapecó, fui trabalhar na Sadia. Não vim direto pra o Jardim do Lago, aquele era o ano

---

<sup>3</sup> Sandro, 50 anos, eletricista, morador do loteamento Jardim do Lago, bairro Efapi.

<sup>4</sup> Sandro, 50 anos, eletricista, morador do loteamento Jardim do Lago, bairro Efapi.

<sup>5</sup> Luis, 61 anos, aposentado, morador do loteamento Jardim do Lago, bairro Efapi.

<sup>6</sup> Olívia, 59 anos, beneficiária do INSS, moradora do loteamento Colatto, bairro Efapi.

em que fizeram o loteamento, eu vim [pra Chapecó] no início do ano e fizeram [o loteamento] mais no fim do ano<sup>7</sup>.

As agroindústrias foram atraídas para a cidade a partir de uma série de investimentos públicos em infraestrutura e a Sadia (mapa 5) iniciou empregando aproximadamente 300 trabalhadores. Seis anos depois, já era responsável por 17% da renda de Chapecó (Reche, 2008). Isso fez dela um superatrativo populacional, que resultou em problemas urbanos:

Esse processo determinou um acelerado crescimento populacional que não foi todo absorvido pela oferta de emprego nas indústrias, dando origem aos problemas sociais que assolam o município até hoje, principalmente relacionados à habitação e a ocupação das periferias da cidade (descoladas da malha urbana) em áreas ao redor das agroindústrias (a oeste da cidade), por trabalhadores com baixa renda. Estas ocupações periféricas, legitimadas por alterações de lei no final da década de [19]70, [...] ainda são responsáveis por problemas urbanos atuais, como por exemplo, os conflitos relacionados à acessibilidade (RECHE, 2008, p. 5 e 6).

A zona oeste da cidade, caracterizada por abranger uma população de mais baixa renda, é interligada às áreas centrais por uma única via, devido às limitações naturais do relevo e a presença de grandes vazios urbanos. Essa via precisa comportar o tráfego pesado das indústrias, o tráfego leve da população residente nessa área, além do deslocamento diário intenso de estudantes das universidades que, a partir do final da década de 1970, são implantadas no bairro Efapi, gerando diversos conflitos, inclusive ambientais (Reche, 2008).

Os fatores acima mencionados justificam a escolha da grande Efapi como a periferia a ser observada, pois o consideramos como uma síntese das características normalmente presentes em periferias.

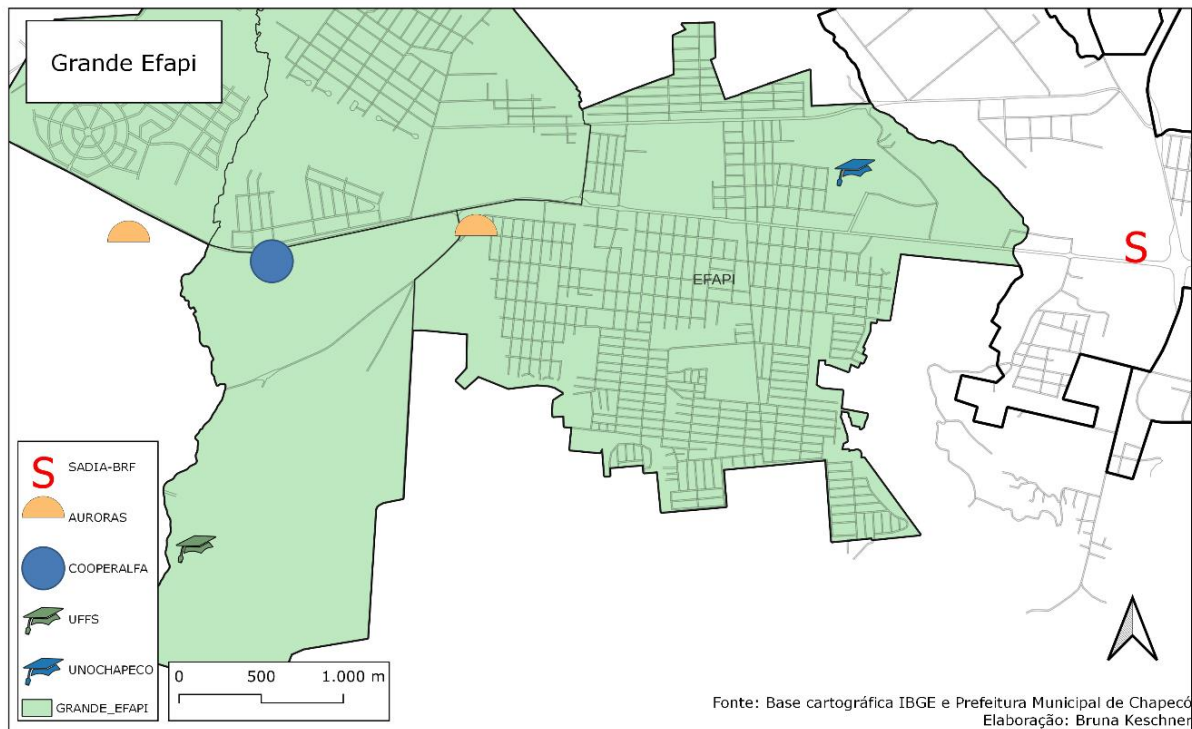
As periferias surgem devido ao crescimento espacial das cidades. Geometricamente falando, as periferias são as áreas mais longe do centro, contudo, as cidades se conformam a partir de diferentes processos, conformando também, diferentes periferias. Corrêa (1986) enfatiza a incipiência do processo de urbanização em áreas periféricas, o que pode ser verdade em alguns casos, considerando que a urbanização emana do centro, mas não é uma conformidade em todas as realidades.

---

<sup>7</sup> Valdir, 60 anos, empresário, morador do loteamento Jardim do Lago, bairro Efapi.



Mapa 5. Atrativos populacionais da grande Efapi



Lefebvre (1999) afirma que a urbanização não é um processo completo, menos ainda que a sociedade pode ser considerada plenamente urbanizada. Ou seja, o urbano, os elementos que dão urbanidade para as cidades não são distribuídos com igualdade pelo espaço, e isso é uma forma de negar a urbanidade para os grupos e pessoas que ocupam esses espaços específicos. Esses espaços/pessoas, contudo, não deixam de perseguir o urbano e se desenvolvem espelhando os serviços e elementos presentes nas áreas urbanizadas das cidades.

O urbano seria a “obsessão” daqueles que estão atualmente excluídos dos benefícios da cidade e da urbanização. Ou seja, apesar de ter a possibilidade de garantir uma melhora de vida das amplas massas jogadas nas periferias, a realidade urbana nega a elas a fruição da vida urbana, os benefícios da centralidade, da reunião. Estes setores marginalizados, portanto, carregam consigo a esperança e o motor da sociedade urbana (AZEVEDO, 2012. p. 15).

A periferia é fruto de um crescimento das cidades que prioriza o valor de troca sobre o uso. Lefebvre (1999) diz que a forma com que a periferia se desenvolve é “desurbanizada e desurbanizante”, pois nega aos seus habitantes os elementos urbanos necessários para que se usufrua da cidade de forma plena.

Isso faz com que a periferia, hoje, carregue uma série de problemas, muito pela falta de planejamento com que surge, e esses problemas, bem como sua dinâmica interna, tem muita influência no sistema urbano brasileiro, e isso fica ainda mais evidente em cidades de grande e médio porte (Chaveiro; Dos Anjos, 2007).

A periferia pode ser caracterizada pela frequente presença de segregação socioespacial e sua localização distante do centro, contudo, a condição periférica das pessoas é mais incisiva do ponto de vista de impacto em suas vidas – apesar de mais velada porque não é vista necessariamente no corpo delas – do que a periferização de espaços, por esse motivo, questões referentes à renda são muito simbólicas na configuração de uma periferia (Chaveiro; Dos Anjos, 2007; Toralles, 2013).

A divisão urbana entre centro e periferia demonstra a descentralização presente nas cidades, mesmo que a descentralização não seja um processo simples, pois pode acontecer de inúmeras maneiras diferentes (Corrêa, 1989; Sposito, 2004), reiterando aqui a ideia de que as periferias das cidades se desenvolvem de formas diferentes de acordo com cada cidade.

Segundo Agier (2015), a periferia é tratada como margem, mas não é uma marginalização unicamente social, também é política, simbólica e ideológica, e isso é particularmente verdade nas cidades brasileiras. Essa marginalização proposital das periferias é causada, em grande medida, pelo abandono do poder público em relação a elas (Soja, 2014), dificultando o acesso ao centro e aos serviços mais complexos ofertados pela cidade.

Ao mesmo tempo que o mercado e o poder público seguem empregando esforços para manter essa segregação, as pessoas que vivem nas periferias já absorveram isso (hooks, 1989). Em trabalhos de campo, foi possível observar isso quando conversei com os moradores do Efapi, já que muitos evitam a ida ao centro por não se sentirem confortáveis e buscam realizar o máximo possível de suas atividades no próprio bairro.

Sair do Efapi implica em pegar trânsito, estacionar, gasto com gasolina, e provavelmente o que eu encontraria no centro, consigo achar aqui no bairro também. Às vezes vou no Centro e não me sinto confortável em circular pra comprar alguma coisa, e acabo voltando pra procurar aqui mesmo<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Aline, 25 anos, vendedora, moradora do loteamento Zanrosso, bairro Efapi.

Desde seu surgimento até os dias de hoje, o crescimento do bairro Efapi se deu de forma muito acelerada, visto que atualmente existem aproximadamente 35 diferentes loteamentos, mesmo que o bairro tenha sido dividido em quatro bairros. Segundo a prefeitura de Chapecó (2021), a grande Efapi conta com aproximadamente 70 mil habitantes, o que representa quase um terço.

Além da Sadia, que se instalou na década de 1970, ainda outras grandes indústrias se implantaram ao longo do vetor oeste sendo elas a Aurora Fach 1 no ano de 1980, a Bondio Alimentos em 2011, que mais tarde foi adquirida também pela Aurora e está localizada oficialmente na vizinha Guatambu, contudo mais próxima da mancha urbana de Chapecó, e o Complexo Agroindustrial Alfa com unidade processadora de soja (mapa 5).

Além da população de trabalhadores, a implantação de universidades atraiu muitos estudantes. As duas das principais universidades da região estão no bairro Efapi (Unochapecó) e no bairro Fronteira Sul (Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS).

A Unochapecó foi instalada onde está atualmente (mapa 5) ainda na década de 1970 e era chamada de FUNDESTE – Fundação Universitária do Desenvolvimento do Oeste. A FUNDESTE ainda é a principal mantenedora da universidade, mesmo que atualmente ela utilize outro nome. A ocupação em torno da Unochapecó é extremamente verticalizada para os padrões do bairro, apesar de não serem edifícios de muitos pavimentos e voltada para moradias sazonais, sobretudo de estudantes.

Além da Unochapecó, no ano de 2009 foi criada a UFFS, que em 2013 iniciou suas atividades no seu *campus* definitivo, localizado na extremidade oeste do município de Chapecó em bairro homônimo. Essa instalação é mais recente, contudo, já atrai um significativo contingente populacional para a cidade de Chapecó e cada vez mais para a grande Efapi, que já começa a englobar loteamentos de Guatambu – município vizinho – instalados próximos ao *campus*.

A localização distante do centro faz com que o preço da terra nesta área seja mais baixo do que em bairros mais centrais e pericentrais e, além disso, a ocupação urbana incipiente fez com que fosse possível a instalação de loteamentos novos, o que foi propício para a construção de muitas moradias populares, principalmente possibilitadas pelo programa do governo federal, Minha Casa Minha Vida, que produziu habitações entre 2010 e 2020 (Brito, Spinelli e Catalão, 2021).

Com esse aumento substancial da população da região, os serviços oferecidos também foram aumentando. Atualmente, o subcentro localizado na grande Efapi conta com diversificadas atividades comerciais e de serviços, inclusive públicos (figura 8) e bancários (figura 9), fazendo com que a população raramente precise – ou queira – se deslocar até o centro. Até o ano de 2021, a prefeitura tinha 532 registros de empresas no bairro Efapi (Madógllo, 2021).

Figura 8. A: Unidade dos correios localizada no bairro Efapi – B: Cartório extrajudicial localizado no bairro Vederti



Fonte: acervo da autora

A manutenção e ampliação desse subcentro em muito se deve à sensação que os moradores do bairro relatam ao frequentar o centro. O sentimento de deslocamento que foi relatado por Aline não é isolado, pois, em muitas das conversas com os moradores, esse sentimento foi mencionado, em especial pelas pessoas mais velhas.

Quando falamos que a periferia está à margem, é principalmente nesse sentido, dessa marginalização social imposta (Soja, 2014; 2010; hooks, 1989), mesmo que de forma velada, que é absorvida pelas pessoas.

Figura 9. Uma das unidades da Caixa Econômica Federal localizada no bairro Efapi



Fonte: acervo da autora

Podemos dizer que o grande desenvolvimento comercial, bem como a quantidade de serviços e a relativa autonomia do bairro em relação ao centro da cidade tenha, em parte, a ver com esse desconforto, associado ao sentimento de pertencimento que também pode ser observado nas falas dos moradores. Mas também tem a ver com o peso demográfico e, conseqüentemente, econômico das agroindústrias, empresas e instituições presentes no bairro, o que favorece a concentração de comércio e serviços, em particular ao longo da avenida Atílio Fontana.

A sociabilidade também pode ser vista como um exemplo do que foi citado acima: desenvolveram-se espaços de acordo com as necessidades de uma população específica. Os moradores do Efapi se sentem pertencentes ao seu bairro

e sua sociabilidade de desenvolve de acordo com as características provenientes dos que formaram esse conjunto urbano: trabalhadores, pobres, oriundos das pequenas cidades e das áreas rurais dos municípios vizinhos.

No próximo capítulo<sup>9</sup>, vamos nos dedicar a explorar esses elementos da sociabilidade e os espaços onde ela se realiza, em particular espaços públicos e semipúblicos, que é como estamos denominando aqui os centros comunitários.

---

<sup>9</sup> A partir desse capítulo, começa a inserção dos boxes com informações de campo. Eles estão dispostos de forma a intercalada entre cada página de texto.



## 4 SOCIABILIDADE E ESPAÇOS PÚBLICOS

Pode parecer um tema que deveria ser trabalhado apenas pela sociologia, e acredite, a maior parte da bibliografia sobre sociabilidade advém dela, contudo a sociabilidade com sua capacidade de definir práticas espaciais é também um importante objeto de estudo para a geografia.

Segundo o sociólogo alemão Georg Simmel (1983), a sociedade se estabelece a partir das sociações, estas por sua vez são as formas que os indivíduos se agrupam a fim de sanar suas necessidades e interesses. A sociedade depende da convivência para existir. Em uma sociedade o indivíduo está com, contra ou para outro indivíduo. Partindo disso, Simmel (1983, p.168) define “a sociabilidade como forma autônoma ou lúdica, de sociação”, isso quer dizer que ela é liberta de conteúdo ou dependência.

A sociabilidade é caracterizada pela espontaneidade das relações, das falas descompromissadas e das banalidades da vida cotidiana (Maia, 2001; Simmel, 1983). Mesmo que a sociabilidade se coloque como uma atividade liberta de conteúdo, não significa que necessariamente o é. Maia (2001) reforça a importância de forma e conteúdo caminharem juntas, apesar de colocar a sociabilidade como um ato puro da sociedade que acontece de forma voluntária, livre e depende de reciprocidade, muito mais do que de interdependência.

Mesmo que o conteúdo seja livre, a sociabilidade se apresenta de diferentes formas, numa conversa cotidiana, ou, por exemplo, em um flerte. Maffesoli (1985) trata a sociabilidade como a solidariedade vista no cotidiano, uma vez que a sociabilidade é o aspecto fundamental do ‘estar-junto’, e em como a sociabilidade liga as pessoas por vínculos não planejados, contudo ainda afetivos (Maia, 2001; Maffesoli, 1985).

A malha rodoviária que dá forma às cidades, não é a única coisa que liga os cidadãos, já que as relações sociais estabelecidas a partir da sociabilidade também cumprem esse papel de forma eficiente e, em muitos casos, até mais eficiente:

Apesar de as grandes metrópoles apresentarem ambientes abstratos, plurais e ‘desterritorializados’, redes interativas se estabelecem de forma reticular a partir de grupos de amizades eletivas, de tribos, de relações de vizinhança em nichos microcósmicos, tornando o espaço urbano reterritorializado (MAIA, 2001, p. 10).

Mas se essas ligações acontecem de forma natural, qual a necessidade de criar espaços próprios para sociabilidade?

# Espaços Públicos da Grande Efapi

- Localização
- Infraestruturas
- Detalhes observados
- Características do entorno
- Fotografias



Box 1. Capa - espaços públicos da grande Efapi



Lefebvre (1999) define a sociedade atual como sociedade burocrática de consumo dirigido, e muitos autores concordam com esse pensamento, dentre eles Milton Santos (2001) e Baudrillard (2009). O sistema capitalista direciona o desenvolvimento das sociedades – individual e coletivamente.

Mais do que isso, Lefebvre (1999) defende que as cidades, a partir do advento do capitalismo industrial, passam a não mais ser lugares de estar, mas ferramentas que possibilitam a acumulação de capital. A sociedade que se desenvolve sob essa perspectiva não encara sua existência de outra forma que não como consumidores, fazendo com que as necessidades percebidas pelas pessoas sejam diretamente ligadas com necessidades de consumo.

Quando falamos em desenvolvimento da sociedade, estamos falando de um sistema que obriga (mesmo que de forma invisível, mas nem sempre) a competitividade entre diferentes grupos humanos e isso faz com que todas as práticas cotidianas estejam ligadas ao consumo, uma vez que é ele que faz a manutenção do capitalismo. A sociedade burocrática de consumo dirigido (Lefebvre, 1999) é aquela em que o cotidiano está sempre submetido às vontades do capital e, em todos os momentos nos quais não se está produzindo, deve-se estar consumindo, e, portanto, todas as atividades de lazer precisam estar, de uma forma ou de outra, ligadas ao consumo ou são menosprezadas.

Dito isso, temos uma resposta simples: é fundamental a promoção da sociabilidade sem a necessidade de se estar diretamente ligada às atividades consumistas para impedir que viremos unicamente trabalhadores/consumidores. O desenvolvimento de práticas de sociabilidade desligadas do consumo direto necessita de espaços específicos para isso. E é aí que entram os espaços públicos.

O desenvolvimento do modo de vida social, intrínseco ao desenvolvimento do modo de vida urbano-capitalista, criou a necessidade de estruturas nos espaços públicos, portanto, quando sem infraestrutura e manutenção eles não são atrativos e acabam sendo abandonados pelos cidadãos.

## PRAÇA DO MIRANTE

A praça do Mirante do Sul localiza-se neste loteamento, na rua João Valdir Borges e tem uma área aproximada de 800 m<sup>2</sup>.

Dentre todos os espaços observados é o menos estruturado. É cercado e tem um número limitado de brinquedos infantis, um único banco e um espaço para quadra de areia, mas sem estrutura necessária (redes/traves/contenções ao redor).

Durante as observações percebi que o uso é feito principalmente por crianças acompanhadas de seus pais, mas não é tão frequente. Na maior parte das vezes, o espaço está vazio.

O Mirante do sul é um loteamento relativamente novo do bairro Efapi e os lotes são de 240 m<sup>2</sup>, o que faz com que tenham um valor menor.

Não foi possível ter dimensão das características sociais da população do entorno, pois, apesar de os lotes serem pequenos, as casas são bem construídas, a maior parte delas, provavelmente, a partir de financiamento habitacional.



Box 2. Praça do Mirante

O que entendemos como espaço, mesmo antes de a Geografia ser considerada uma ciência moderna e tê-lo como conceito-chave ou categoria de análise, direcionou o pensamento geográfico. Santos (1982) afirma a importância de pensarmos esta ciência a partir do espaço, já que todas as relações dos seres humanos, diante do trabalho sobre a natureza, se dão em seu âmbito. Neste mesmo texto, Santos diz ainda que o espaço não seja apenas um produto da sociedade, não é neutro nas relações sociais que se desenvolvem nele, mas ativo em suas transformações.

Segundo Sennett (1999), a gênese da divisão contemporânea entre espaço público e privado é estabelecida pelos parâmetros da família. Antes do século XIX, o espaço privado era determinado pelo espaço familiar, onde a expressão da individualidade e das particularidades era a maneira mais razoável vista para o convívio dentro do ambiente da família e dos amigos. Ou seja, para o autor, na família (âmbito privado) era onde os seres humanos agiam naturalmente, de maneira 'animalesca'. O contrário, ainda segundo o autor, acontecia no espaço público, que pedia roupas montadas que ignoravam o conforto ou as necessidades e onde os discursos precisavam ser munidos de referências para que o cidadão fosse respeitado:

[...] o homem natural era um animal; o público, portanto, corrigia uma deficiência da natureza, que somente uma vida conduzida segundo os códigos do amor familiar poderia produzir; essa deficiência era a incivilidade. Se o vício da cultura era a injustiça, o vício da natureza era a rudeza (SENNETT, 1999, p. 120).

Sennet (1999) ressalta que tanto o espaço público como o privado são espaços em constante evolução. E isso pode ser observado pela forma como as mudanças dos espaços públicos e privados têm acontecido, especialmente de modo mais rápido nas últimas décadas, principalmente em aglomerações metropolitanas, mas também em contextos próprios às cidades médias e nas suas relações com as cidades pequenas. Quando falamos em espaços públicos atualmente, utilizamos um conceito que Delgado (2011) coloca como relativamente recente e que trata da sobreposição de duas formas de ver o espaço público.



## PRAÇA DO ALICE

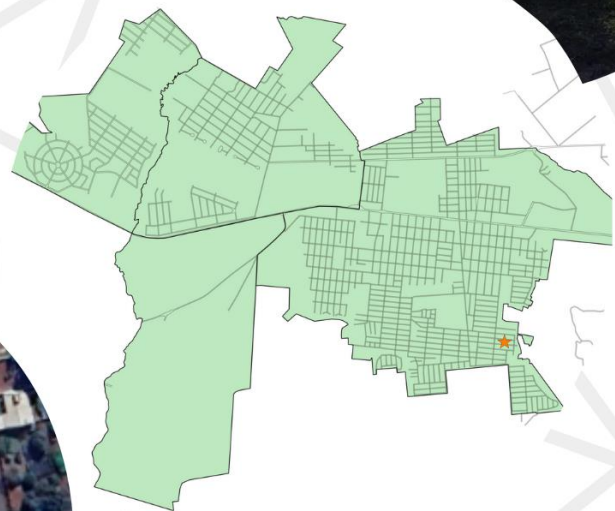
A praça do loteamento Alice 2 localiza-se em loteamento homônimo, entre as ruas Pedro Ballerini e Elias Galon. Sua área é de aproximadamente dois mil metros quadrados. Conta com mesas e bancos de concreto, parque infantil, além de água potável disponível.

No local, ainda há uma rampa de acesso, contudo não se sabe se o intuito é a acessibilidade, já que é muito inclinada impossibilitando o acesso de uma cadeira de rodas, por exemplo.

A arborização é bastante presente, transformando-a em um ponto verde no meio do loteamento. Além das infraestruturas citadas, ainda há uma horta mantida pelos moradores do entorno.

Na praça do loteamento Alice 2, o uso é majoritariamente feito por crianças e adolescentes, em sua maioria desacompanhados dos pais, mas também foi observada a presença de grupo de vizinhas tomando chimarrão.

A impressão geral é de que essa praça é usada como quintal, já que a maioria das casas do entorno são geminadas e com pouco espaço de terreno disponível. A praça é local de encontro e brincadeiras e a rua é um complemento ao espaço residencial.



Box 3. Praça do Alice

A utilização desse conceito [espaço público] por parte de designers, arquitetos, urbanistas e gestores há, no máximo, duas ou três décadas corresponde a uma sobreposição de interpretações que até então existiam de forma independente: a do espaço público como conjunto de lugares de livre acesso e a do espaço público como âmbito em que se desenvolve uma determinada forma de vínculo social e de relação com o poder (DELGADO, 2011, p. 18 e 19, tradução nossa).<sup>10</sup>

Sobarzo (2006, p. 95) trata o espaço público sob uma perspectiva lefebvriana, ou seja, “como um produto e um possibilitador das relações sociais”, servindo, historicamente, de condição para a sociabilidade: “Não podem ser desconhecidas as possibilidades que os espaços públicos sempre ofereceram para o encontro, a fala, os olhares, os passos, a discussão, em resumo, a sociabilidade” (Sorbazo, 2006, p. 95).

Os espaços públicos possibilitam atos políticos e deveriam, em tese, propiciar a convivência da heterogeneidade (Delgado, 2011), fazendo com que a sociedade urbana, por si só, se modifique, perceba e coexista com o diferente, abrindo brechas para diálogo e evolução da comunicação social. Contudo, mesmo com a constante transformação dos espaços públicos, em grandes cidades, eles permanecem com uma sutil herança do século XIX, pois não podemos enxergá-los como um ambiente que propicia um convívio “íntimo” e, inclusive, constitui-se como um potencial inibidor de um maior entrelaçamento das ações dos sujeitos que o compõem. Para além disso, levando em conta as considerações trazidas por Delgado (2011), ressalta-se que nem sempre as relações sociais vinculadas à vida pública ocorrem em espaços públicos – ambientes construídos –, entrando em questão a publicização de espaços privados, como shopping centers (Sposito, 2018). Em Chapecó, pesquisas retrataram centro (Keschner, 2017; Antunes, 2009), em alguns momentos, a insuficiência de espaços públicos adequados para a sociabilidade. Além disso, o confronto entre diferentes grupos sociais dificulta o uso e a ocupação dos espaços públicos e semipúblicos do centro (Keschner, 2017; Antunes, 2009).

---

<sup>10</sup> “La utilización generalizada de este concepto por parte de diseñadores, arquitectos, urbanistas y gestores desde hace no mucho más de dos o a lo sumo tres décadas responde a una sobreposición de interpretaciones que hasta entonces habían existido independientemente: la del espacio público como conjunto de lugares de libre acceso y la del espacio público como ámbito en el que se desarrolla una determinada forma de vínculo social y de relación de poder.” (DELGADO, 2011, p. 18 e 19)



## PARQUE FLORESTAL EFAPI

O parque Florestal Efapi é conhecido pela população como área verde da Vila Páscoa. Está localizado na rua Santo Expedito. Sua área é de aproximadamente 14 mil metros quadrados.

O espaço é cercado e conta com infraestrutura de parque infantil, bancos para descanso e pista de caminhada.

O entorno do Parque Florestal Efapi é uma parte mais vulnerável do bairro Efapi, então o local se torna um importante espaços para sociabilidade e, em muitos momentos de visitas, foi possível observar a presença maior de adolescentes e adultos do que de crianças.

Neste parque, há algumas características singulares, entre as quais espaços usados como estacionamento de residências vizinhas, além de partes cercadas para servir como área de plantio. A grande quantidade de lixo deixado nesse espaço também o difere dos demais observados.



Box 4. Parque Florestal Efapi

Simmel (1983) diz que para usufruir do espaço público é necessário à sociedade vestir uma máscara de civilidade. Hoje, considerando o objeto desta pesquisa e pensando na sociedade atual, eu faria uma adequação à essa afirmativa: para usufruir dos espaços públicos, costumamos deixar claro nosso status social.

Espaços públicos limpos, bem estruturados, com segurança e *instagramáveis*, costumam atrair uma maior parcela da população em comparação aos espaços que não atendem a esses requisitos. E por essa razão esses espaços estão localizados em áreas mais abastadas das cidades.

Para fins de ilustração dessa discussão, fizemos uma rápida pesquisa, sem objetivo estatístico, mas apenas para ter ciência de que tipo de respostas apareceriam. Esta pesquisa foi feita por meio de questionário online, compartilhado a partir das redes sociais e grupos de notícias de Chapecó, ficando três dias disponível para obter a resposta de apenas duas perguntas – uma em relação ao local de residência e de quais espaços públicos se lembrava. Obtivemos 92 respostas, dentre as quais, 22 eram moradores do bairro Efapi, portanto foram essas as respostas usadas na análise (apêndice 3).

Das respostas consideradas, constatamos que 70% delas, de moradores da grande Efapi, não eram sobre espaços localizado na região, mas em outros pontos da cidade, sendo o mais lembrado, o Ecoparque – localizado a aproximadamente 7 km de distância do bairro, na área central.

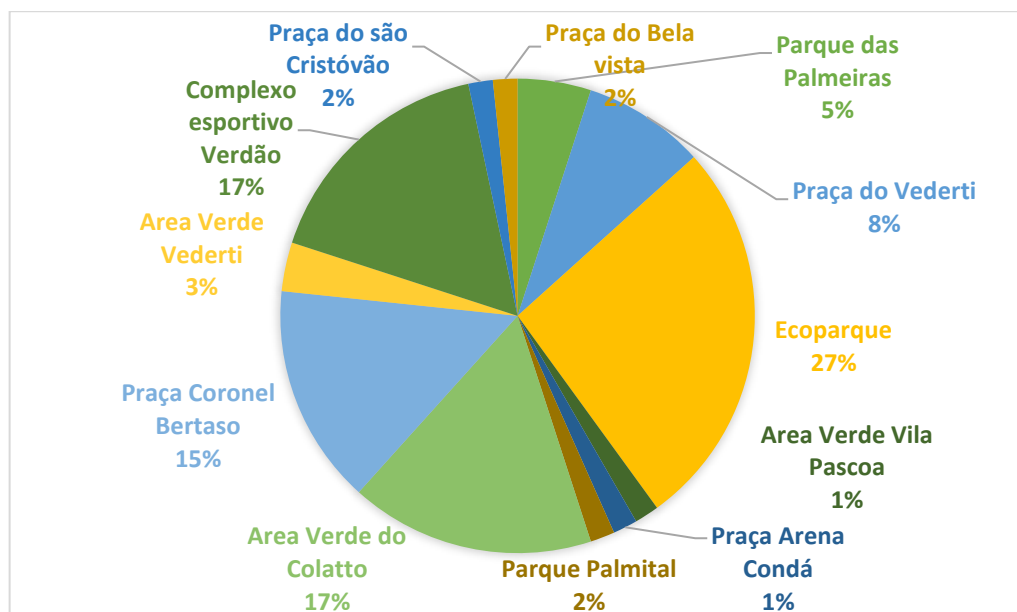


Gráfico 1. Respostas dos moradores da grande Efapi sobre qual praça/parque conhece.



## PARQUE FLORESTAL COLATTO

O parque Florestal Colatto é popularmente chamado de Área Verde e está localizado na rua Palmitos. Tem uma área com pouco mais de 15 mil metros quadrados e é compartilhada como espaços de atendimento de duas comunidades diferentes, o Colatto e o Universidade.

Há uma pista de caminhada, lixeiras e uma academia ao ar livre. Neste espaço, existe também um pequeno salão que pertence às equipes de futebol dos loteamentos Colatto e Universidade e um campo de futebol, que é o principal atrativo do espaço, já que em fins de semana de jogos de futebol amador - principalmente de veteranos - o espaço fica lotado.

A infraestrutura dessa área conta com alguns bancos, uma mesa e uma única churrasqueira, sem pia, banheiro e água potável.

O público atraído por esse espaço é composto por adultos que o buscam para a prática de exercícios e a falta de parque infantil faz com que o número de crianças ocupando o espaço seja reduzido.



Box 5. Parque Florestal Colatto



O Ecoparque foi reformado recentemente e apresenta um grande fluxo de pessoas, que realizam diferentes atividades, como foi observado em trabalhos de campo realizados nos meses de junho de 2023 e ilustrados pelas fotografias da figura 10.

Figura 10. Fotografias do Ecoparque em um domingo à tarde



Fonte: Acervo da autora

O site oficial da prefeitura de Chapecó (2023) lista que existem 23 praças e parques na cidade<sup>11</sup>, contudo, por meio de trabalhos de campo, mapeamos um número muito maior na grande Efapi. Foram localizados 17 praças e parques, sendo 6 no bairro Efapi<sup>12</sup>, 4 no bairro Vederti e 7 no bairro Araras, que podem ser visualizados no mapa 6.

<sup>11</sup> <https://www.chapeco.sc.gov.br/conteudo/88/pracas-e-parques>

<sup>12</sup> No bairro Efapi existe um espaço destinado à realização de feiras de exposições, sendo a principal delas a EFAPI (Exposição Feira Agropecuária Industrial). Este espaço é de livre acesso para a comunidade e poderia ser considerado um espaço público, contudo não o faremos por duas principais razões – a primeira é que não existe infraestrutura necessária para o uso como espaço público e a segunda é que a população da grande Efapi não vê o espaço como tal, visto que nem sequer foi citado em nenhuma das entrevistas ou conversas informais.



## PRAÇA AQUILINO ZANDAVALLI

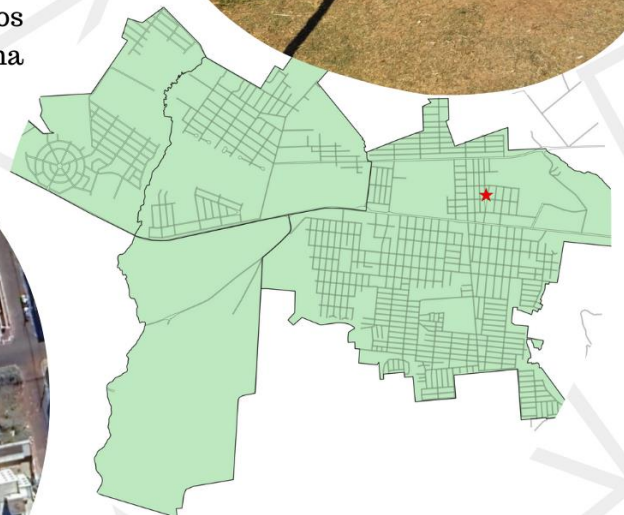
A praça Aquilino Zandavalli está localizada na rua Boa Ventura Alves da Silva.

É uma praça pequena se comparada com as demais da grande Efapi, conta com bancos, parque infantil (essa parte é cercada, mas de livre acesso), academia ao ar livre e uma pequena quadra de areia (também cercada e de livre acesso), além de uma tímida arborização.

Durante os períodos de observação, foi possível notar que o principal público que usa as estruturas fornecidas pela praça são crianças, às vezes acompanhadas por adultos e adolescentes.

A praça está localizada em uma parte antiga e mais densamente ocupada do bairro, próximo à subprefeitura e à Unochapecó.

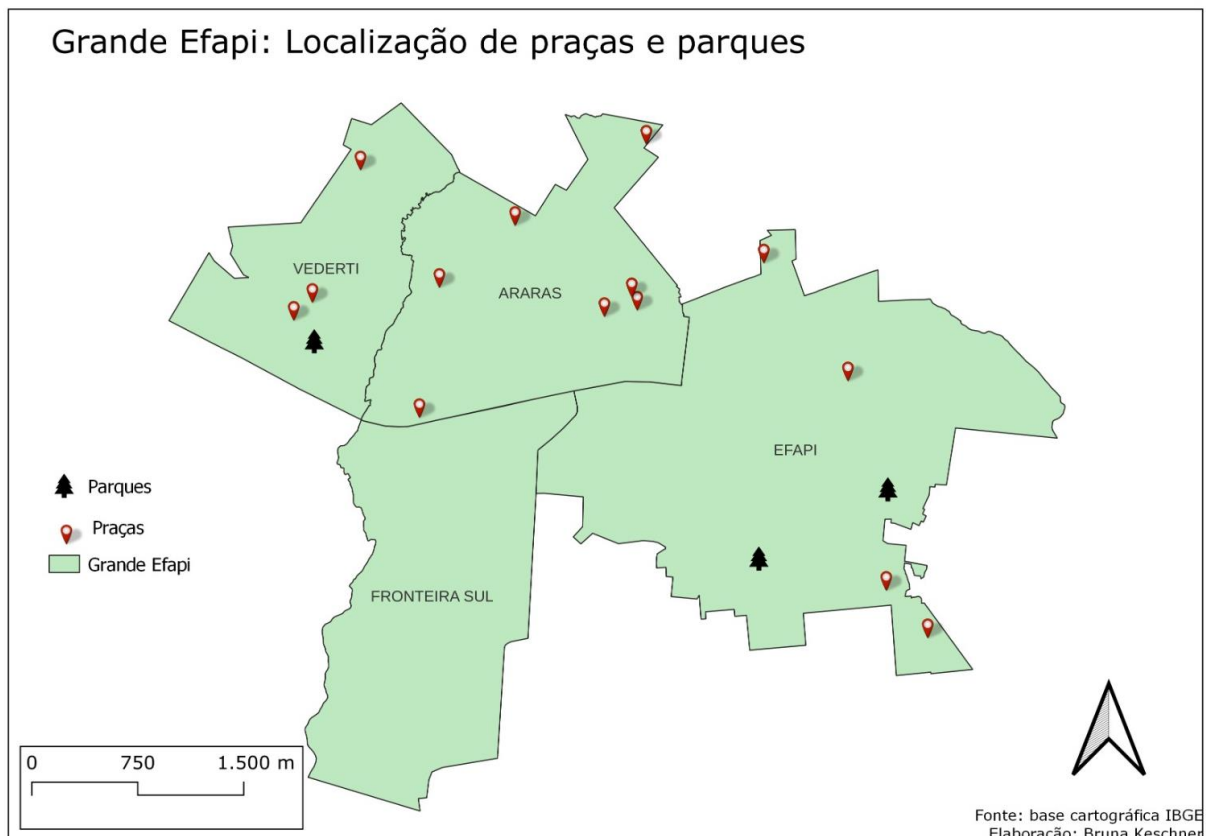
Além disso, de um lado, as residências são caracteristicamente familiares e, do outro, na parte mais próxima da universidade, as construções são primariamente edifícios de apartamentos habitados por estudantes, portanto, uma população mais sazonal.



Box 6. Praça Aquilino Zandavalli

Como é possível observar, temos um bairro antigo, com uma população majoritariamente de baixa renda e completamente ocupado, com um mínimo de espaços públicos, número que claramente é insuficiente para atender a população residente. Em contraponto, temos uma vasta região de urbanização recente e incipiente, voltada para a nova classe média, cheia de espaços públicos, muitos deles não utilizados.

Mapa 6. Localização dos espaços públicos presentes na grande Efapi



Muitas dessas praças são recentes, pois foram instaladas juntamente com a criação de loteamentos que surgiram a partir da última atualização do plano diretor, em especial com base no artigo 230 da Lei Complementar nº 541 de 26 de novembro de 2014, que teve redação atualizada com a Lei complementar nº 728/2021, orientando que:

Art. 230 § 1º Nos desmembramentos de que trata o caput deste artigo, o interessado deverá doar ao município, como área pública, no mínimo 15% (quinze por cento) da área a ser desmembrada da gleba, sendo no mínimo 360,00 m<sup>2</sup> (trezentos e sessenta metros quadrados) com testada mínima de 12,00 m (doze metros), independente do zoneamento em que se situar (Chapecó, 2021).



## PRAÇA - ZANROSSO II

Localizada em uma área de urbanização recente e de muitos edifícios de apartamentos, a praça do Zanrosso II é um bom espaço de mais de mil metros quadrados, com parque infantil, bancos para descanso e academia ao ar livre.

Está localizada em um fim de rua, dando privacidade e baixo fluxo de veículos, então é provável que isso dê confiança para as famílias deixarem as crianças brincarem de maneira mais livre.

Em todas as oportunidades de visita a essa praça, havia crianças, adultos e cães brincando. Nos fins de semana, esse fluxo é ainda maior.



Box 7. Praça do Zanrosso II

Esses novos loteamentos ocupam espaços que antes não faziam parte do perímetro urbano, ampliando o tamanho da periferia e tornando-a ainda mais distante do centro. Num texto bastante sintético, Carlos (1982) afirma que a cidade se caracteriza principalmente pela concentração de pessoas, de serviços e de capital, à qual corresponde um perímetro urbano. Porém, mais do que isso, cidade é onde se vive e desde onde se desenvolve um modo de vida urbano.

É próprio ao senso comum atribuir adjetivo de não urbano ao lugar onde não vemos essa concentração de forma clara. Mas é muito importante termos cuidado acerca disso, afinal, a urbanização acontece de formas diferentes nos lugares diferentes, pois é influenciada por fatores histórico, geográficos e socioeconômicos.

Barreto (2010) discorre sobre a formação das cidades e da importância que os centros têm no desenvolvimento delas, uma vez que é a partir dali que todo o resto se desenvolve. Logo, o centro é central não apenas na forma geométrica, mas principalmente na simbologia, pois sempre foi o espaço reservado para as elites, onde se concentram os serviços, comércios e status sociais (Barreto, 2010; Barata-Salgueiro, 2013).

E o que há depois do centro? É o que está longe do centro, longe da concentração, nas margens geométricas e sociais. Depois do centro temos a periferia. A periferia, no contexto brasileiro, surge como o local de habitação das pessoas que não cabem no centro, onde vivem os trabalhadores e todas as demais pessoas que são marginalizadas por uma razão ou outra. É o local onde a presença de infraestrutura e serviços urbanos ainda é incipiente. É intencionalmente marginalizada, sendo afastada dos serviços pela rarefação de transporte, por exemplo, sobretudo em cidades médias e grandes (Corrêa 1986; Sposito, 2018).

Se pensarmos em uma cidade como uma forma, a periferia é aquilo que está mais distante do centro, contudo, a cidade não é apenas forma, é também conteúdo, isso amplia o leque de compreensão do que é, efetivamente, uma periferia.

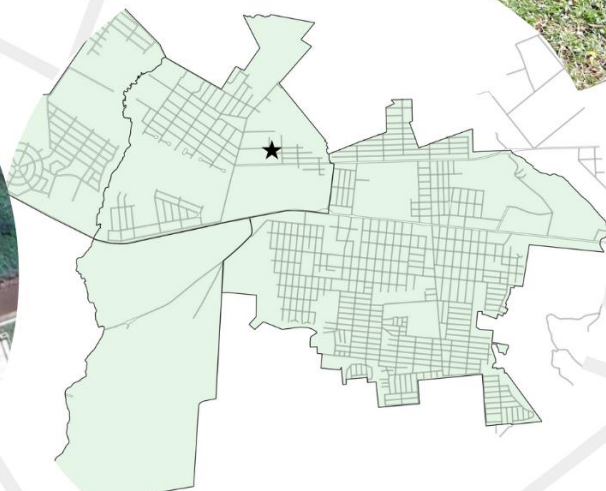
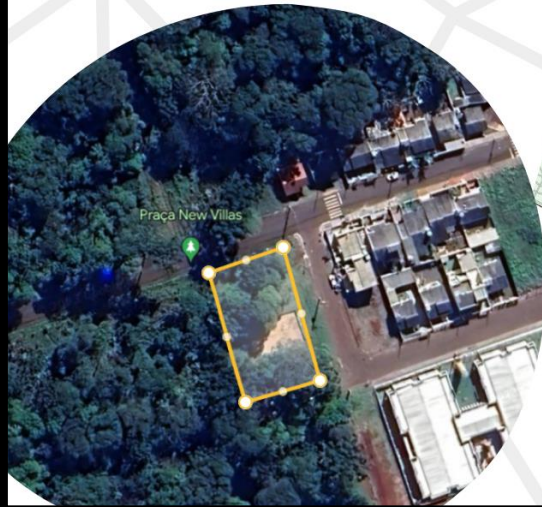


## PRAÇA - NEW VILLAS

A praça do New Villas está localizada na rua Alda Maria Diniz Córdova Peretti, bairro Araras. É difícil precisar o espaço disponível, uma vez que está construída ao lado de uma reserva florestal e não existe uma clara separação de onde começa a reserva e onde acaba a praçinha.

É uma estrutura pouco utilizada e a falta de manutenção é visível. Tem um espaço de areia com alguns brinquedos, algumas mesas e bancos de concreto e um pequeno bosque onde é possível transitar e onde existem alguns bancos, feitos de forma improvisada. Das vezes em que esse espaço foi observado, foi possível notar sinais de uso do bosque, que me foram confirmados em uma outra visita: pertenciam a um grupo de trabalhadores da construção civil que descansavam ali na hora do almoço.

Não é um espaço cercado e não há nenhum tipo de calçada ou acessibilidade. Sendo seu relevo elevado, é necessário subir escadas para ter acesso às estruturas.



Box 8. Praça New Villas

A periferia pode ser tratada como uma área de transição entre o que é urbano e o que ainda não o é, tendo Corrêa (1986) caracterizado a paisagem periférica pela insipiência da urbanização. Mesmo com essa definição, o autor lembra que existem diferentes tipos de periferia, e isso muito se deve às suas formações, mas o que nós tratamos como periferia aqui vai além de uma posição geográfica – apesar de a posição distante do centro ser muito significativa, já que fica distante da maior parte dos serviços urbanos disponíveis, e tem ainda dificuldade de acesso, inclusive viário, a eles (Sposito, 2018) – essa fração da cidade é marginalizada, e essa marginalização lhes é imposta, como bem cita Soja (2014) em discussão com hooks (1989). Para estes autores, quem impõe a marginalização são as estruturas opressoras, mas que em determinado ponto podem ser usadas como ponto de fortalecimento e de resistência pelos cidadãos marginalizados.

Entendemos a periferia, portanto, como uma porção da terra urbana distante do centro, sem plenitude de elementos da urbanização, em que a população é marginalizada e tratada de forma estigmatizada, demonstrando que a periferia se forma a partir de uma urbanização desurbanizada e desurbanizante, segundo expressão de Lefebvre (2001). Isso significa que a periferia é urbana, seja porque é parte da cidade, seja porque seus moradores têm modo de vida associado às práticas espaciais relativas à cidade. É a periferia oriunda do processo de implosão/explosão que o autor descreve, cujos habitantes, entretanto, estão destituídos da vida urbana em plenitude, porque vive entre carências de muitas ordens e distantes dos benefícios principais que o centro da cidade oferece. E isso não se refere apenas a moradores de periferias pobres. Residentes de bairros novos, com boa infraestrutura, também estão passíveis dessa condição, pela ausência dos equipamentos e serviços que a cidade oferece, como teatro, cinema, locais de encontro e sociabilidade, café etc.

Apesar de ser o local de abrigo das classes economicamente menos favorecidas, a periferia é produzida pelas classes dominantes e tem função de controle social através da segregação (Corrêa, 1986). A periferia se forma através da especulação fundiária de áreas rurais e o preço da terra é determinado pela expectativa de urbanização (Corrêa, 1986). Acrescentemos aí o preço da terra como determinante sobre quem irá ocupar determinado espaço e teremos uma ferramenta perfeita para definir onde cada grupo social vai habitar na cidade.



## PRAÇA - NEW VILLAS - QUADRA DE AREIA

Há menos de 300 metros de distância da outra praça, já descrita, esse espaço também está no loteamento New Villas, bairro Araras, com uma extensão de quase 6 mil metros quadrados.

Esse espaço, entretanto, não tem as estruturas comuns em praças, como um parque infantil, mas tem um campinho de areia onde é comum encontrar crianças andando de bicicleta acompanhados de seus pais.

Não apresenta nenhum tipo de cercamento, nem adaptações para a acessibilidade, apesar de ser possível chegar até o espaço através da calçada, que tem rampa.

O New Villas é um loteamento de lotes pequenos e a maior parte das casas é geminada, apresentando um padrão estético bem claro.

O tamanho reduzido dos lotes explica a necessidade de duas praças no loteamento e ainda existe a possibilidade de utilizar a praça do loteamento Tomazzeli, que é vizinha. Apesar disso, o uso não é tão intenso como na praça do Alice, por exemplo.





Não obstante, com o desenvolvimento das cidades médias e o aumento da importância de seu papel na rede urbana nacional, a partir de sua maior vinculação à economia capitalista em desenvolvimento no Brasil, aconteceu uma reestruturação da urbanização brasileira e, neste sentido, a estrutura interna das cidades também sofreu modificações significativas, alterando inclusive a posição clássica das periferias urbanas (Sposito, 2004).

Ao mesmo tempo em que percebemos na paisagem as moradias populares, e marginalização de populações pobres, outro grupo social, aqueles que habitam loteamentos ou condomínios fechados de alto padrão, passaram a se concentrar nas periferias de muitas cidades (Sposito, 2004). Outro ponto a ser considerado ao olharmos para as periferias de cidades médias é a necessidade de relativizar a distância do centro como elemento demarcador das classes sociais na cidade. Uma vez que as cidades médias são menores relativamente às metrópoles e a ascensão da classe média, que aconteceu na década de 2000 principalmente<sup>14</sup>, ampliou o poder de compra e de investimento dessa população que já vivia em áreas periféricas, isso desencadeou uma espécie de gentrificação feita pela própria população periférica, fazendo emergir uma periferia da periferia, ou ainda, o surgimento de uma periferia da classe média – longe do centro, porém com infraestrutura urbana decente, construções majoritariamente feitas a partir de financiamento habitacional e esteticamente agradáveis.

Em Chapecó, e olhando especificamente para a grande Efapi, os novos loteamentos surgiram com o avanço do perímetro urbano, como é possível observar nas figuras 5 e 6, concentrando-se nas periferias, e formando assim um novo tipo de periferia, com infraestrutura urbana presente, associada ao menor valor da terra – devido ao afastamento do centro. Uma periferia criada para um público-alvo específico: a nova classe média, que não consegue morar no centro e nos bairros pericentrais, mas também não quer morar nas periferias mais antigas, como no próprio bairro Efapi.

---

<sup>13</sup> O nome quadra de areia é uma diferenciação usada pela comunidade, não é um nome oficial.

<sup>14</sup> Neste momento, não é nosso objetivo ampliar o debate referente à ascensão da 'nova classe média', contudo é um debate interessante para entender, dentre outros fatores, a intensa criação de novos loteamentos com financiamento habitacional individual através de programas sociais, como o Minha Casa Minha Vida ou o Casa Verde e Amarela. Segundo Magrini e Catalão (2017), essa ascensão é resultado de avanços nas articulações geopolíticas do Brasil que acontecem desde a década de 1970, contudo, esses avanços só foram sentidos no âmbito social a partir dos anos 2000, com a eleição de um governo de esquerda (presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010) e mais tarde a presidenta Dilma Rousseff (2011-2014)).

## PRAÇA - TOMAZZELI

O loteamento Tomazzeli é um dos mais recentes da grande Efapi, quase não tem construções e apresenta uma única praça. Essa praça tem aproximadamente 1.400 m<sup>2</sup>, contudo tem uma calçada que contorna mais uma extensão de quase 3 mil metros quadrados - o que faz pensar que esta área está destinada a outro espaço/estrutura pública futura, embora não haja informação sobre isso.

Como não existem moradores nesse loteamento ainda, o uso está sendo feito por adolescentes principalmente oriundos do loteamento vizinho, o New Villas.

A estrutura conta com um parque infantil, quadra de areia cercada, mas de livre acesso, e academia ao ar livre, além de bancos para descanso e calçada.



professora Jiliana  
tommerening



Box 10. Praça Tomazzeli



Esse embelezamento periférico pode ser observado principalmente no loteamento Vederti, localizado no bairro homônimo (figura 11). Além de pavimentação asfáltica, calçadas também estruturadas, e lotes limpos, os novos loteamentos que surgem na periferia da periferia apresentam importantes espaços públicos para sociabilidade (figura 12), que em muito foram instalados pela obrigação imposta pela lei do plano diretor, e depois foi incorporado pelo discurso mercadológico, que agregaram valor aos lotes dos novos loteamentos.

Figura 11. Flyers de divulgação do bairro Vederti



Fonte: Instagram do bairro Vederti

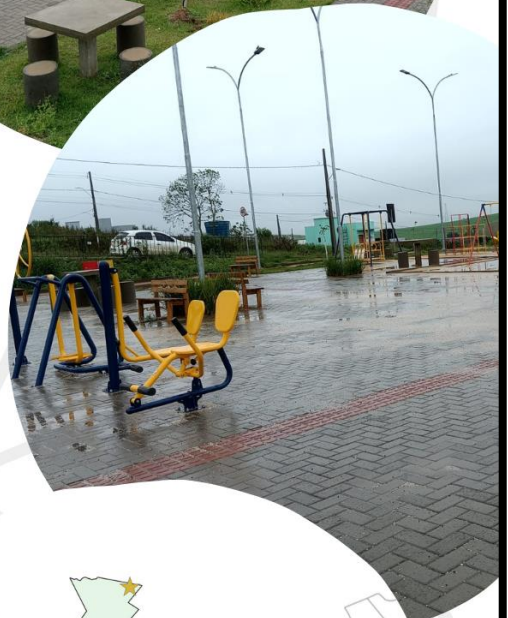
## PRAÇA - PORTO SEGURO

O loteamento Porto Seguro fica localizado no extremo do perímetro urbano da cidade, é um loteamento recente e isolado, contando com apenas uma via de acesso. Os lotes são de 240 m<sup>2</sup>, mas não é raro encontrar duas residências - geminadas - dentro do espaço de apenas um lote.

A praça fica no final do loteamento e está na média de tamanhos observados - dois mil metros quadrados - com parque infantil, mesas e bancos, quadra de areia e academia ao ar livre.

A praça tem iluminação para ser usada durante a noite, acessibilidade e lixeiras, contudo o sistema de drenagem é insuficiente.

Nas observações, apenas vi pessoas usando essa praça nos fins de semana.



Box 11. Praça Porto Seguro



Figura 12. Espaços públicos do bairro Vederti



Fonte: Acervo da autora

Quando observamos essa gentrificação da periferia da periferia, onde estão presentes os elementos que teoricamente remetem ao uso da cidade como direito, passamos a questionar como o mercado se apropria do direito à cidade e como as pessoas não buscam efetivamente o direito à cidade, uma vez que veem a habitação de qualidade como um direito individual.

Quando pensamos no direito à cidade, nos remetemos à ideia proposta por Lefebvre (2001). A proposta inicial de Lefebvre é incitar os cidadãos a refletir de quais maneiras poderíamos voltar a ter direito de usufruir da cidade e da urbanidade. Essa necessidade de buscar o direito de ser e ter dentro do ambiente urbano é necessária graças ao trabalho desempenhado pelo sistema capitalista de transformar a cidade em ferramenta de acumulação de capital, muito mais do que de lugar de moradia e uso. Melhorar a cidade não é sinônimo de melhoria de vida, mas de aumento do valor da sua propriedade na cidade.

## PRAÇA - PÔR DO SOL

Localizado entre as ruas Antônio Luiz Gatto e Antônio Poletto e com uma área de quase 3 mil metros quadrados, conta com uma pequena quadra de areia, bancos para descanso, parque infantil, calçadas para circulação e lixeiras.

É um espaço de bom tamanho, contudo pouco cuidado, com vegetação crescendo dentro da quadra de areia, que não tem nenhum tipo de cerceamento para favorecer práticas esportivas no local.

O loteamento em que está inserido está em processo recente de ocupação e encontra-se no final do perímetro urbano dessa área, fazendo com que parte considerável da vizinhança sejam áreas rurais.

Pelas observações feitas, o fluxo de pessoas não é muito intenso, o que é explicado pela baixa ocupação do loteamento, e quando está sendo usado é por crianças, acompanhados de seus responsáveis.



Box 12. Praça Pôr do Sol

Essa busca proposta por Lefebvre (1999) é um horizonte, uma vez que o sistema econômico vigente impede a sociedade de pensar no direito à cidade como uma ferramenta coletiva de direito. Essa utopia é usada como base nas discussões mais palpáveis do direito à cidade, como a inserção de elementos do direito à cidade na legislação, por exemplo. Entretanto, precisamos ter cuidado e para não esquecer o cunho revolucionário proposto por Lefebvre, pois é a única forma de efetivamente ver o pleno direito à cidade.

Entendemos, portanto, que o direito à cidade não está presente nos espaços urbanos da atualidade e, mais ainda, o direito à cidade não é homogêneo nos espaços, já que ele é direcionado às pessoas – existem os que tem mais direito à cidade e os que têm menos. Os espaços habitados por aqueles que não têm tanto direito à cidade assim, obviamente, também apresentam uma rarefação das ferramentas que auxiliam nessa busca incessante. Ou seja, quanto mais longe dos locais de uso da elite, mais rarefeito serão as infraestruturas coletivas urbanas – principalmente quando esses locais não são amparados por qualquer lei ou pelo mercado.

Isso explica, em grande medida, como as praças e parques em espaços periféricos não são comuns. Quando olhamos para a parte antiga da grande Efapi, isso fica mais evidente, ou seja, a falta de planejamento urbano, ou mesmo de um plano diretor eficiente, faz com que infraestruturas básicas, como calçadas, sejam praticamente inexistentes na maior parte do bairro, e isso inclui o espaço de circulação de pessoas na avenida principal, mesmo que essa abrigue praticamente toda a principal rede de comércio do bairro Efapi.

Se calçadas são incipientes, espaços públicos para a sociabilidade são praticamente inexistentes. Como podemos observar no mapa 6, o número de praças e parques na parte antiga, ou seja, no bairro Efapi em si, é irrisório se comparado ao nível de urbanização e ao tamanho territorial do referido bairro.

Ao mesmo tempo, podemos ver como os novos bairros, que são compostos principalmente com loteamento planejados e que seguem as regras do último plano diretor da cidade e demais normativas pertinentes, apresentam um número muito maior desses espaços e isso faz com que, mesmo longe, sejam nesses espaços que a população se direciona para a prática da sociabilidade.



## PRAÇA - DON LEONARDO

Localizado na rua Maria Zamprogna Santon, a praça do loteamento Don Leonardo apresenta infraestrutura de sociabilidade e lazer com mesas de concreto, além de bancos para descanso, quadra de esportes cercada e parque infantil.

Contudo, apesar da infraestrutura suficiente espacializada em pouco mais de 2 mil metros quadrados, e ser um espaço recente, as estruturas estão danificadas, não existe uma manutenção de jardim e a vegetação está crescendo entremeio à calçada e a areia do parquinho.

No processo de formação desse loteamento, que inicialmente se chamava Cadore, aconteceu uma série de irregularidades que ainda impedem a venda de muitos terrenos, portanto, a ocupação dos lotes urbanos está acontecendo de forma lenta.

Essa somatória de elementos faz com que a praça seja pouco utilizada e, mesmo tendo observado esse espaço mais de cinco vezes, raramente havia pessoas usando essa estrutura.

De acordo com moradores da vizinhança, o maior público são jovens que frequentam esse espaço durante a noite para o consumo de bebidas alcoólicas e algazarras.



Box 13. Praça Don Leonardo



Contudo, esses espaços são recentes. O loteamento Vederti, que é o pioneiro nessa expansão urbana de periferia da classe média, surgiu em 2013, então... antes disso, quais eram os espaços para sociabilidade usados pelos habitantes do Efapi? Uma resposta a essa questão será explorada na sequência.

## PRAÇA - SANTA CATARINA

Esse é o loteamento mais recente da grande Efapi. Localizado no bairro Araras, o loteamento Santa Catarina ainda não tem moradores e, portanto, o espaço é raramente utilizado, e quando é, são pessoas de outros loteamentos, majoritariamente do bairro Efapi. A estrutura é ampla, com 3.318,71 m<sup>2</sup>, e há muito espaço livre, adequada para a realização de eventos públicos, por exemplo.

A praça conta com espaço infantil, com um único brinquedo em estrutura de madeira e com várias opções de atividade, diferente de todas as demais praças. Também tem um balanço para cadeirantes. Uma quadra de areia cercada, mas de acesso livre e um bom número de bancos para descanso.



Box 14. Praça Santa Catarina

## PRAÇA - NEW VILLAS II

O loteamento New Villas II está localizado no bairro Vederti, o único loteamento desse bairro que não é loteado pela Vaccaro. Apesar de estar localizado no bairro Vederti, não tem ainda acesso direto aos loteamentos Vederti I, II e III.

O loteamento é distante dos demais loteamentos da grande Efapi. A praça tem um espaço amplo de 4.572,16 m<sup>2</sup>, mas perde espaço de uso para as ruas, que são mais utilizadas para crianças brincarem, por exemplo, do que a própria praça.

Ainda assim, a praça apresenta três ambientes, um deles sendo um parquinho infantil, com claros sinais de abandono e depredação; uma quadra de areia; e uma área com bancos.

O espaço tem acessibilidade, inclusive sinalização compatível.



15

Box 15. Praça New Villas II

<sup>15</sup> A Vaccaro Urbanismo é uma loteadora/construtora de imóveis, responsável pelo loteamento e venda dos lotes do bairro Vederti



## PRAÇA-VEDERTI I e II

As duas praças localizadas no bairro Vederti foram as vedetes da propaganda dos primeiros lotes urbanos, quando ainda o espaço era formado apenas pelo loteamento Vederti.

Elas são amplas, com a primeira contando com quase 6 mil metros quadrados e a segunda menor, com pouco mais de 2 mil metros quadrados.

Ambas as praças contam com estrutura de quadras esportivas, além de parque infantil e amplo espaço gramado onde, em diversas vezes, foram observados piqueniques e rodas de chimarrão.

A praça também tem bancos para descanso, caminho calçado e acabamentos em pergolado.

Deve-se ressaltar a limpeza e organização dos espaços, serviço mantido pela associação de moradores em parceria com a incorporadora Vaccaro.

O público desses espaços é muito diverso e de todas as localizações da grande Efapi e áreas rurais adjacentes..



Box 16. Praças Vederti I e II



## ÁREA VERDE - VEDERTI

A área verde do bairro Vederti é o maior dos espaços observados, com aproximadamente 57 mil metros quadrados. Localiza-se na rua Marcos Antônio Riboli.

O espaço conta com uma intensa arborização, parte dela nativa, pista de caminhada, aparelhos de madeira para a prática de exercícios, mesas e bancos de concreto e churrasqueiras.

O espaço é parcialmente fechado, apenas o suficiente para evitar a entrada de automóveis.

O fluxo de pessoas está ligado, principalmente, à prática de caminhada ou corrida. Já a sociabilidade fica menos em destaque, pela falta de oferta de banheiro e água potável.



Box 17. Área Verde Vederti

## 5 CENTROS COMUNITÁRIOS: ESPAÇOS SEMIPÚBLICOS DE SOCIABILIDADE

A divisão que existe entre espaços públicos e privados é óbvia no cotidiano da sociedade, em grande medida por causa da garantia que o capitalismo proporciona à propriedade privada. Contudo, nem sempre os espaços existentes são percebidos dessa mesma maneira.

Lefebvre (2013) divide o espaço em três instâncias, o espaço concebido, o espaço vivido e o espaço percebido. Quando falamos em espaço concebido, estamos falando das funções pressupostas aos espaços, ou seja, quando uma calçada é construída, ela é feita para uma função específica, que é as pessoas andarem por ali. Contudo, nem sempre a concepção dos espaços é determinante para o uso que se faz deles, isso é o espaço vivido, a forma que as pessoas usam o espaço nem sempre está de acordo com a função dada ao espaço na sua concepção. E por último, temos o espaço percebido, que é a forma com que as pessoas percebem sensorialmente os espaços de suas vivências.

Os espaços semipúblicos transitam com bastante fluidez dentro dessa tríade espacial, além disso, não se enquadram nem na categoria de espaço público nem de espaço privado puramente, sendo uma mistura dos dois – ou é um espaço concebido como privado que é vivido como público, ou é um espaço público que, dadas as normativas para seu uso (ou não uso), o tornam privado.

Um bom exemplo disso são os shoppings centers. Um shopping center da maneira como é projetado e construído no Brasil (um edifício fechado) é visivelmente um espaço privado e, em grande medida, essa percepção vem da estética – fechada – que os shoppings demonstram. Contudo, a facilidade de acesso bem como a ‘liberdade’ de trânsito dentro desses espaços fazem com que as pessoas vivam nele e façam práticas sociais como se fosse público. Claramente os shoppings são projetados para dar essa sensação de liberdade e segurança para as pessoas e, com isso, induzi-las ao consumo.

# CENTROS COMUNITÁRIOS DO BAIRRO EFAPI

- ESTRUTURA FÍSICA
- ÁREA OCUPADA
- LOCALIZAÇÃO
- FOTOGRAFIAS



Box 18. Capa - Centros Comunitários do Bairro Efapi<sup>16</sup>



Quando começamos a estudar os espaços públicos em Chapecó, antes mesmo da escrita desta dissertação, o shopping de Chapecó era uma alternativa de espaço de sociabilidade para os chapecoenses, dada a rarefação e falta de manutenção dos espaços públicos na cidade (Keschner, 2017), e essa é uma saída comum às cidades médias (Andrade, Jaime e Almeida, 2009). Contudo, no decorrer dos trabalhos de campo, durante as conversas informais que tivemos com moradores do bairro Efapi, o Shopping Pátio Chapecó não é uma opção de espaço para sociabilidade por alguns motivos, dentre eles o desconforto que as pessoas sentem ao ocupar espaços destinados a uma classe mais abastada, fruto da marginalização social intrínseca das periferias:

Mas olha, (risos), a gente não tem nem roupa pra ir nesses lugares né, parece que tão sempre olhando pra gente... eu até já fui, mas não gosto<sup>17</sup>.

Outra razão é a distância do bairro até o shopping (mapa 7): fica a aproximadamente 8 quilômetros e, para quem precisa usar o transporte público, a dificuldade de acesso é ainda maior, uma vez que são necessárias duas linhas diferentes de ônibus para chegar até lá.

Mapa 7. Mapa de localização do bairro Efapi e do Shopping de Chapecó



<sup>16</sup> Os centros comunitários são do bairro Efapi porque os demais bairros da grande Efapi não tem organizações comunitárias nem centros comunitários.

<sup>17</sup> Olívia, 59 anos, beneficiária do INSS, moradora do loteamento Colatto, bairro Efapi



# COMUNIDADE DO COLATTO

**ESTRUTURA FÍSICA:**  
**SALÃO COMUNITÁRIO**  
**CAPELA MORTUÁRIA**  
**O CAMPO DE FUTEBOL FICA LOCALIZADO**  
**NA ÁREA VERDE, ONDE AINDA EXISTE UMA**  
**SEDE SOCIAL, CONTUDO É**  
**COMPARTILHADO COM A COMUNIDADE DO**  
**UNIVERSIDADE**  
**ÁREA OCUPADA: APROXIMADAMENTE**  
**1.943.97 m<sup>2</sup>**

Box 19. Comunidade do Colatto

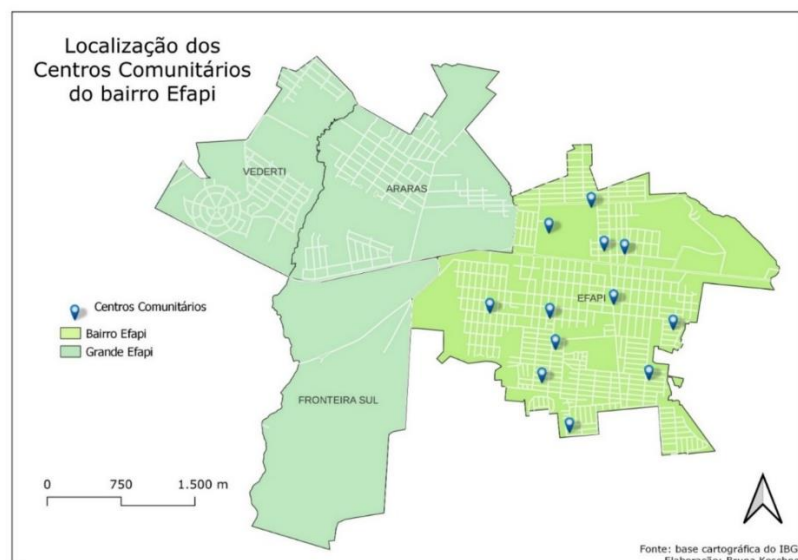
Pensando nesse aspecto e considerando a escassez de espaços públicos (praças e parques em particular) no bairro Efapi, ficamos ainda mais intrigados sobre os espaços de sociabilidade dessa periferia, até chegarmos à nossa resposta: os centros comunitários.

## 5.1 OS CENTROS COMUNITÁRIOS DO BAIRRO EFAPI

O bairro Efapi data do final da década de 1980 e o primeiro loteamento estabelecido foi o Colatto, neste loteamento também foi construído o primeiro centro comunitário (Madóglgio, 2021). Atualmente estão localizados no bairro Efapi 12 centros comunitários, que estão espacializados<sup>18</sup> no mapa 8.

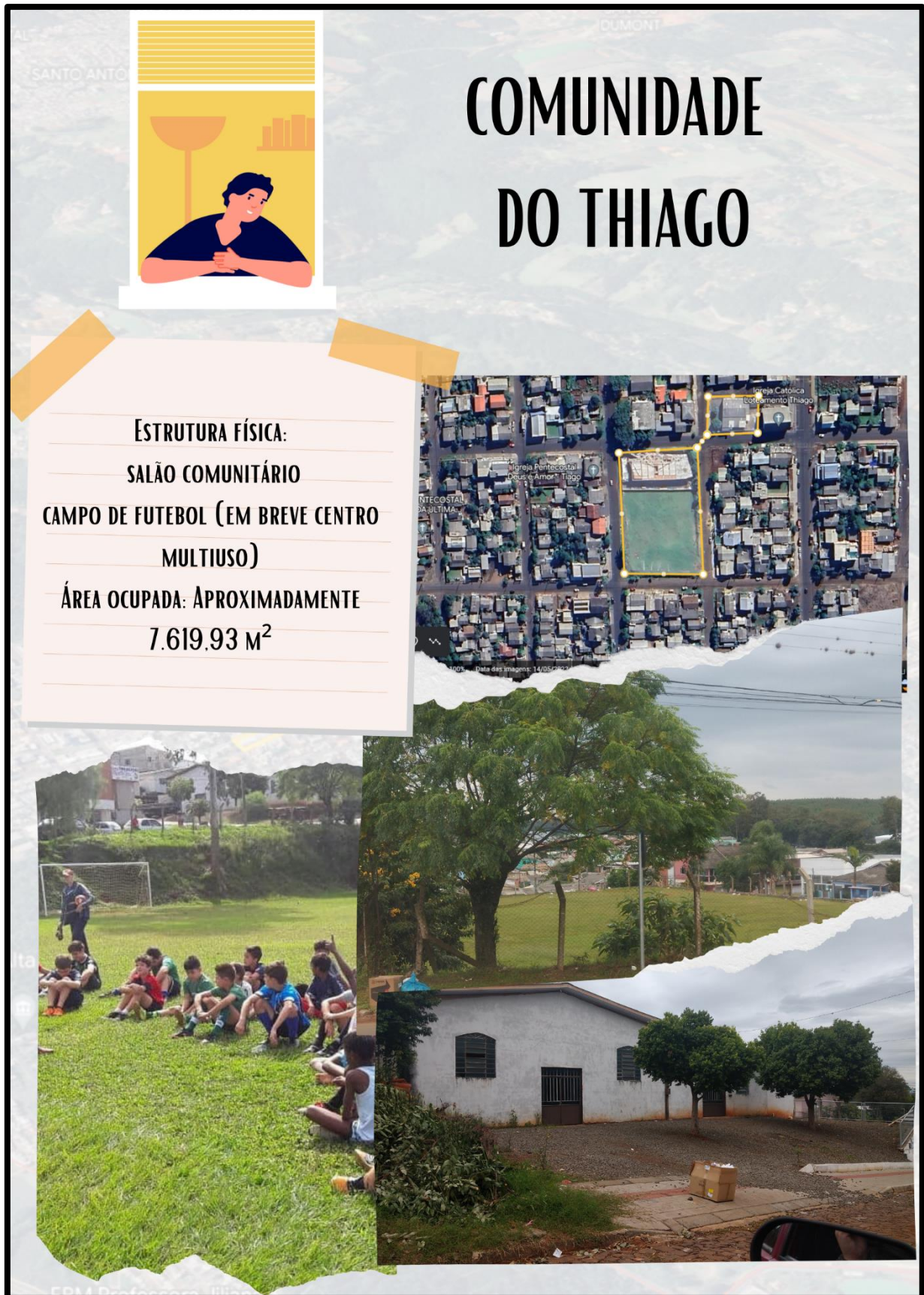
Os centros comunitários são comuns em muitos lugares, mas nem sempre eles são nomeados assim, às vezes são telecentros, outras vezes bibliotecas públicas (Nemer, 2019). Em geral, surgem para sanar necessidades imediatas da população e, por esse motivo, Nemer (2019) afirma que os espaços comunitários são mais do que espaços localizados nas periferias, porque são espaços **das** periferias, ou seja, estão ali para servir as necessidades específicas das populações comumente abandonadas pelo poder público.

Mapa 8. Localização dos centros comunitários da grande Efapi



<sup>18</sup> As localizações de cada um dos centros comunitários, bem como informações descritivas sobre todos eles estão disponíveis nos anexos.





Box 20. Comunidade do Thiago

Assim como ocorre com as cidades médias (Sposito, 2014; Batella, 2019), os espaços comunitários existem dentro de um espectro muito grande de especificidades e, por esta razão, não é tão simples de encontrar uma definição consensual do que é um centro comunitário. Considerando o que foi observado nos trabalhos de campo em associação às literaturas consultadas, a definição que encontramos é a estabelecida por Bonfim *et al.* (2000) do Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação de Lisboa – Portugal, para quem um centro comunitário é:

[...] uma estrutura polivalente onde se desenvolvem serviços e atividades que, de uma forma articulada, tendem a constituir um polo de animação com vista à prevenção de problemas sociais e à definição de um projeto de desenvolvimento local, coletivamente assumido (Bonfim *et al.*, 2000).

Essa definição reitera o papel de integrar e promover o desenvolvimento da comunidade em que está inserido. Foi possível observar isso em vários momentos, bem como em algumas falas em entrevistas.

A Cláudia<sup>1920</sup> foi professora da escola do loteamento Thiago (EEB Fedelino Machado dos Santos) e atualmente é membro da Associação de Moradores<sup>21</sup> do Loteamento Thiago e de uma pastoral da Igreja Católica do loteamento. Segundo ela, as infraestruturas que a comunidade tem atualmente incluem campo para a prática esportiva e salão comunitário; além disso, há outras infraestruturas que foram conquistadas a partir da luta da associação comunitária frente ao poder público, como escola de ensino fundamental e pavimentação asfáltica na maioria das ruas. Mesmo com uma boa infraestrutura, a comunidade ainda apresenta carências sociais como a falta de uma escola de educação infantil, ou creche, o desapoio da prefeitura em desenvolvimento de projetos com as crianças e os jovens e a necessidade de legalização de áreas irregulares.

---

<sup>19</sup> Cláudia, 58 anos, professora aposentada, moradora do loteamento Thiago, bairro Efapi.

<sup>20</sup> A entrevista com a professora Cláudia aconteceu durante o momento de distanciamento social devido à pandemia de COVID-19, feitas nesse caso, pelo aplicativo de comunicação WhatsApp. Ela me solicitou que respondesse as perguntas de forma escrita.

<sup>21</sup> A Associação de Moradores é uma entidade que representa legalmente a comunidade, frente a órgãos públicos e privados, fazendo muitas vezes papel de intermediação entre a comunidade e a prefeitura.



# COMUNIDADE DO JARDIM DO LAGO

ESTRUTURA FÍSICA:

SALÃO SOCIAL

CAPELA MORTUÁRIA

GINÁSIO DE ESPORTES

CAMPO DE FUTEBOL

ESPAÇO EM FRENTE À IGREJA – PRACINHA

ÁREA OCUPADA:

APROXIMADAMENTE 13.547,04 m<sup>2</sup>



Box 21. Comunidade do Jardim do Lago



Já foram desenvolvidos inúmeros projetos sociais dentro do espaço comunitário com subsídio tanto da prefeitura quanto da própria associação de moradores e de voluntários. Esses projetos não aconteceram todos ao mesmo tempo, sendo ativados e desativados com o passar dos anos, mas dentre eles estão aulas de teatro, judô e dança (figura 13), aulas de ginástica laboral e funcional para jovens, adultos e idosos, aulas de português para imigrantes haitianos (figura 14) além dos encontros semanais para a terceira idade. Com a pandemia, todas essas atividades foram suspensas e algumas, como o judô para idosos, foram desativadas de modo permanente.

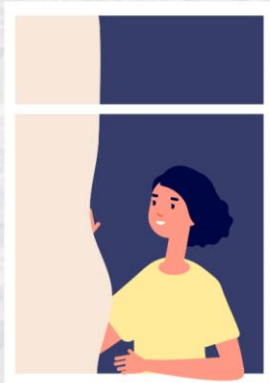
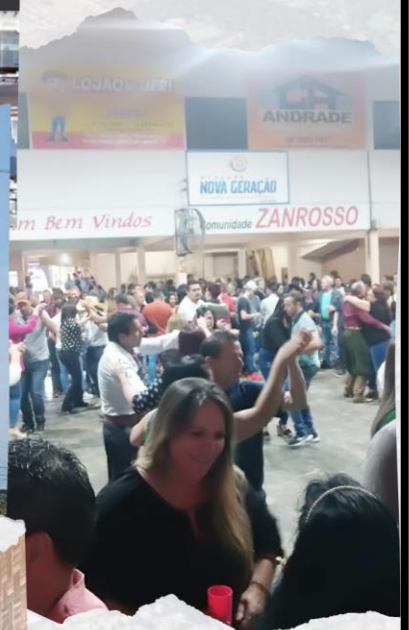
Figura 13. Apresentação de danças provenientes de cursos oferecidos nos centros comunitários dos loteamentos Thiago e Jardim do lago - 2002



Fonte: acervo da autora

# COMUNIDADE DO ZANROSSO

ESTRUTURA FÍSICA:  
SALÃO COMUNITÁRIO  
ÁREA OCUPADA:  
APROXIMADAMENTE 831.15 M<sup>2</sup>



Box 22. Comunidade do Zanrosso



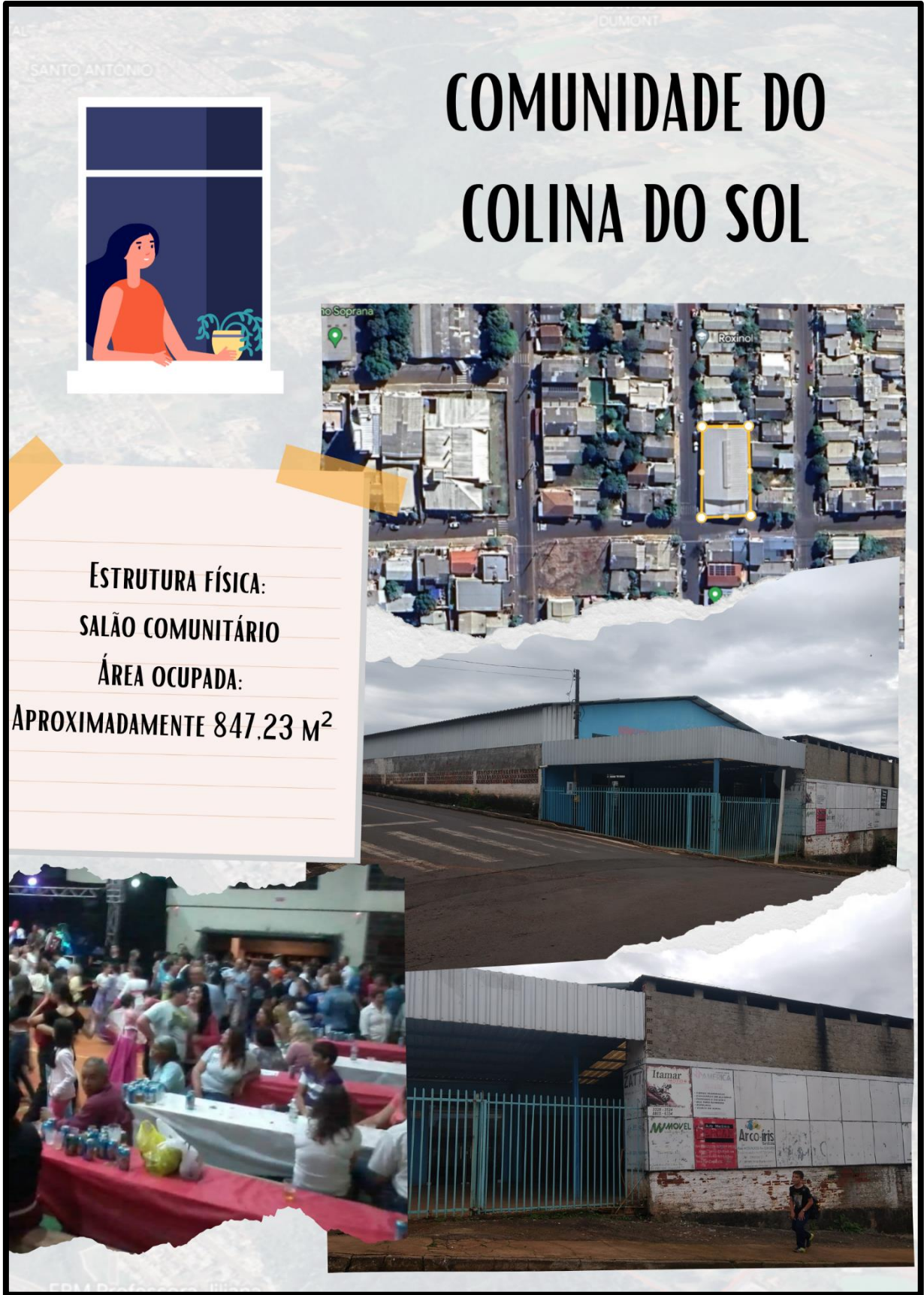
Figura 14. Grupo de imigrantes haitianos, alunos de aulas de português e seus professores voluntários - 2017



Fonte: Luiz Rodrigues

Os centros comunitários do bairro Efapi são estruturados quase todos da mesma forma – uma igreja católica, um salão comunitário e um campo de futebol – alguns com mais estruturas ou de melhor qualidade que outros.

Quando Voyce (2006) demonstra que nem todos os espaços ou são públicos ou são privados, ele está se referindo especificamente aos shoppings da Austrália, ou seja, espaços voltados para atividades de consumo, um lugar em que as pessoas buscam adentrar à bolha da massificação, sentir que são parte de um mundo globalizado.



Box 23. Comunidade do Colina do Sol



Contudo, ao entender os centros comunitários como espaços também semipúblicos, uma vez que são propriedades privadas e que existem regras claras e explícitas quanto à sua utilização, estamos considerando apenas a função pública que esse espaço detém, já que, ao contrário dos espaços descritos por Voyce (2006), os centros comunitários buscam validar e manter a existência de práticas culturais regionais, além da identificação cultural percebida pelos membros dessas comunidades. Isso pode ser explicado pela localização desses espaços – a periferia de uma cidade média, localizada no interior do Brasil – muito diferente de um ambiente cosmopolita como se propõe uma metrópole. Isso, no entanto, não invalida a posição de espaço semipúblico dos centros comunitários.

## 5.2 A SOCIABILIDADE NOS CENTROS COMUNITÁRIOS

Dentre as principais práticas sociais observadas, estão as reuniões dos grupos de idosos, os jogos de futebol amador e as festas (figura 15). Já foi dito anteriormente que o grupo que conformou a primeira população do bairro Efapi era formado por trabalhadores industriais que emigraram das áreas rurais de Chapecó e dos municípios vizinhos em busca de trabalho. Quando essas pessoas vieram, trouxeram consigo as práticas de sociabilidade que eram comuns nas áreas rurais:

Mas era quase igual, mas era mais difícil. Quando tinha festa, todo mundo ia, nós éramos em nove irmãos, guardava as roupas boas o ano inteiro pra usar na festa da comunidade. Ia cedo, na missa, depois no almoço, de tarde tinha matinê, voltava pra casa só de noite. Às vezes o pai trabalhava na festa, daí vinha mais tarde ainda. Daí quando nós crescemos, daí nós íamos nas festas das outras comunidades, nos bailes<sup>22</sup>.

As festas de antigamente lá na roça, eh, saía uma festa por ano né, e a preparação era uma semana antes, pra organizar. Nós tínhamos que ir no mato tirar espeto, que os espetos eram tudo de madeira, cada sócio, quatro ou cinco sócios, era escalado pra tirar espeto. Já tinha até o local lá na comunidade onde tinha os espetos que não deixavam gosto na carne. Recheava e assava galinha também, assava no forno pra vender na festa. E a programação era sempre de manhã, tinha café com mondongo. E na festa tinha muito mais gosto de comer, porque era uma festa por ano, não existia isso de comer carne assada todo domingo. Hoje em dia já tá tudo mais fácil, tem dinheiro pra ir nas festas e beber cerveja, naquela época não dava, era só uma<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> Olívia, 59 anos, beneficiária do INSS, moradora do loteamento Colatto, bairro Efapi

<sup>23</sup> Jorge, 57 anos, aposentado/autônomo, morador do loteamento Thiago, bairro Efapi.

SANTO ANTONIO

# COMUNIDADE DO SOPRANA



**ESTRUTURA FÍSICA:**  
**SALÃO COMUNITÁRIO**  
**ÁREA OCUPADA:**  
**APROXIMADAMENTE 522,61 M<sup>2</sup>**

Box 24. Comunidade do Soprana

Mesmo que as práticas das festas de comunidade tenham mudado um pouco, já que as condições financeiras e de acesso a produtos e serviços também é diferente na cidade, o modelo das primeiras festas das áreas rurais é seguido. É a evolução das festas de comunidade, que foram trazidas para as comunidades do bairro Efapi como uma herança, e essa prática não é a única, já que os grupos de idosos e as atividades esportivas também compõem essas práticas.

Os jogos de futebol são o elemento que ainda está mais forte nas novas gerações. O futebol amador do bairro Efapi tem uma liga própria – ADGER (Associação Desportiva da Grande Efapi e Região) que promove eventos de futebol amador masculino e feminino, de todas as categorias etárias (Apêndice 4). Essas atividades esportivas reúnem jogadores e torcedores dos times, proporcionando a sociabilidade entre os membros da comunidade e de comunidades vizinhas, tanto nos jogos quanto nos almoços promovidos e em reuniões para organização dos eventos esportivos (figura 16).

Figura 15. Festas nas comunidades do bairro Efapi: Alice, Thiago, Colatto, Alta Floresta



Fonte: acervo da autora



# COMUNIDADE DO ALTA FLORESTA

ESTRUTURA FÍSICA:  
SALÃO COMUNITÁRIO  
CAMPO DE FUTEBOL  
BOSQUE  
ÁREA OCUPADA:  
APROXIMADAMENTE 6.506,88 M<sup>2</sup>



Box 25. Comunidade do Alta Floresta



Figura 16. fotografias de eventos esportivos da grande Efapi








Fontes: Rádio Efapi; ADGER; Acervo pessoal; Santiago Juventus futebol feminino

Em grande medida, os centros comunitários acabam fazendo vezes de promotor da democracia e combate à desigualdade (Nemer, 2019), além de promover a empatia das pessoas fortalecendo o vínculo comunitário, já que, na maior parte dos casos, os centros comunitários não recebem ajuda financeira do poder público (Nemer, 2019), e esse abandono também pode ser percebido nas falas dos moradores do bairro Efapi:

Apesar do desenvolvimento de um bom número de atividades sociais, elas vêm diminuindo com o passar do tempo, muito por falta de auxílio do poder público, pois, de acordo com cada governo, os auxílios são maiores ou menores, mas sempre vêm em forma de projetos, nunca em forma de dinheiro, e toda a infraestrutura que a comunidade tem hoje, que é da Associação de Moradores, foi construída e é mantida com recursos próprios<sup>24</sup>.

<sup>24</sup> Cláudia, 58 anos, professora aposentada, moradora do loteamento Thiago, bairro Efapi.



# COMUNIDADE DO AURI BODANESE

**ESTRUTURA FÍSICA:**  
**SALÃO COMUNITÁRIO**  
**CAMPO DE FUTEBOL**  
**ÁREA OCUPADA:**  
**APROXIMADAMENTE 3.800,45 m<sup>2</sup>**

Box 26. Comunidade do Auri Bodanese



Mesmo sem nenhuma ajuda financeira da prefeitura, a comunidade do Alta Floresta realiza alguns projetos sociais de sociabilidade e desenvolvimento da infância, juventude e da terceira idade, dentre elas estão os encontros semanais do grupo de idosos e realização de campeonatos de futebol para todas as idades, promovendo ainda uma integração entre comunidades<sup>25</sup>.

Mesmo que as comunidades sintam esse abandono por parte da prefeitura municipal, recentemente a prefeitura demonstrou certo interesse em realizar obras nos centros comunitários do bairro. No ano de 2023, a prefeitura iniciou a construção de um centro multiuso (figura 17) no bairro Efapi e o loteamento escolhido foi o Thiago, que cedeu o campo de futebol da comunidade para a prefeitura, que construirá o espaço concedendo o uso para a comunidade. Como o espaço era propriedade da Associação de moradores, a comunidade se reuniu em assembleia para a prefeitura apresentar o projeto e a doação do terreno ser aprovada (figura 18). Além disso, no ano de 2022, a prefeitura entregou o ginásio de esportes da comunidade do loteamento Alice (figura 19) e, na ocasião, anunciou que o ginásio estaria disponível para a comunidade realizar atividades extracurriculares no contraturno escolar para acolher as crianças e essas não fiquem na rua, o que ainda não aconteceu por falta de profissionais para organizar essas atividades.

Figura 17. Projeto do Centro Multiuso Efapi



Fonte: Prefeitura municipal de Chapecó

<sup>25</sup> João, 45 anos, assessor parlamentar, morador e líder comunitário do loteamento Alta Floresta.

# COMUNIDADE DA VILA ESPERANÇA

ESTRUTURA FÍSICA:  
SALÃO COMUNITÁRIO  
CAMPO DE FUTEBOL (EM OBRAS?)  
ÁREA OCUPADA:  
APROXIMADAMENTE 5.153,38 M<sup>2</sup>

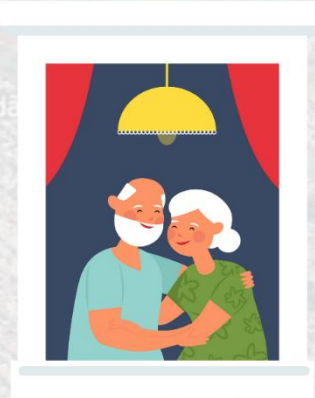




Figura 18. Assembleia de moradores do loteamento Thiago



Fonte: Derli Borges

Figura 19. Notícia da inauguração do ginásio de esporte do loteamento Alice



Fonte: prefeitura municipal de Chapecó

# SANTO ANTONIO

# COMUNIDADE DO ALICE

**ESTRUTURA FÍSICA:**  
GINÁSIO DE ESPORTES  
TERRENO PARA CAMPO DE FUTEBOL (FUTURO)  
QUIOSQUE SOCIAL  
**ÁREA OCUPADA:**  
APROXIMADAMENTE 10.854,53 M<sup>2</sup>



Box 28. Comunidade do Alice

Quando dizemos que as práticas sociais em espaços comunitárias são heranças das práticas sociais do contexto regional em que Chapecó está inserido, devemos considerar que problemas que existiam também se perpetuam e, dentre essas práticas problemáticas, podemos exemplificar com comportamentos conservadores ou segregadores. Klinnenberg (2021) deixa claro que o elo de comunidade pode ser responsável por salvar vidas, uma vez que a noção de solidariedade permeia toda a organização comunitária, contudo, a mesma comunidade que zela através da vigilância, também pode ser vista como opressora de comportamentos que destoam do padrão daquela comunidade.

Os centros comunitários do bairro Efapi foram organizados à imagem e semelhança dos centros comunitários que podem ser facilmente encontrados nas áreas rurais da região oeste de Santa Catarina.

A formação da região oeste de Santa Catarina parte de um cenário de litígio que se soluciona com a chegada de empresas colonizadoras à região, que veem aqui uma grande oportunidade econômica. Uma vez que os principais compradores dos lotes do oeste catarinense eram filhos de gaúchos que sofriam com a escassez de terras no Rio Grande do Sul e esses colonos gaúchos eram descendentes diretos de europeus (Gretzler, 2011; Alba, 2002), posicionamentos racistas e segregadores se perpetuam até os dias de hoje, nas cidades pequenas em especial pela menor diversidade étnico-racial.

Podemos ilustrar esses posicionamentos racistas e segregadores com o caso do campo de futebol do loteamento Thiago. O referido espaço não estava mais sendo utilizado pelo time da comunidade por falta de mão de obra comunitária para fazer a manutenção, passou a ser utilizado por um grupo de imigrantes venezuelanos para jogar beisebol (figura 20). Essas pessoas se reuniam ali, ouviam músicas, consumiam alimentos e bebidas alcoólicas além de jogar ou torcer. Pessoas da comunidade incomodaram-se com a sujeira que eles deixavam no local, mas as reclamações sempre recaíam sobre sua origem, deixando um comportamento xenofóbico bem explícito. Essa foi uma das razões pela qual o plano da prefeitura de ocupar o campo para a construção do centro multiuso foi tão bem aceito pela comunidade.



# SANTO ANTONIO

# COMUNIDADE DO ALICE

**ESTRUTURA FÍSICA:**  
GINÁSIO DE ESPORTES  
TERRENO PARA CAMPO DE FUTEBOL (FUTURO)  
QUIOSQUE SOCIAL  
ÁREA OCUPADA:  
APROXIMADAMENTE 10.854.53 M<sup>2</sup>



Box 29. Comunidade do Alice



Figura 20. Imigrantes Venezuelanos jogando beisebol no campo do loteamento Thiago.



Fonte: Acervo da autora

### 5.3 OS CENTROS COMUNITÁRIOS (OU A FALTA DELES) NOS NOVOS BAIROS DO VETOR OESTE DE CHAPECÓ

Como é possível observar no mapa 8, os centros comunitários mapeados estão unicamente no território que pertence ao bairro Efapi em si. Por que os novos bairros – Vederti, Araras e Fronteira Sul – não têm centros comunitários? A resposta a essa pergunta é uma construção feita por nós a partir de observações feitas, das conversas informais e das entrevistas, tendo em vista, entretanto, que ninguém soube responder a essa pergunta de modo objetivo e fidedigno.

# COMUNIDADE DA VILA PÁSCOA



**ESTRUTURA FÍSICA:  
SALÃO COMUNITÁRIO  
CAMPO DE FUTEBOL  
(ABANDONADO HÁ MAIS DE DEZ  
ANOS).**

**ÁREA OCUPADA PELO SALÃO:  
617,47 m<sup>2</sup>**

**ÁREA OCUPADA PELO CAMPO:  
4.134,37 m<sup>2</sup>**



Um centro comunitário surge a partir de necessidades da população periférica (Nemer, 2019). Essa é a primeira observação. A quantidade de espaços públicos disponível nos bairros Araras e Vederti, além de atender parte dos moradores do bairro Efapi, supre toda a necessidade de espaços de sociabilidade da população desses bairros, que ainda é pequena, pois são recentes (2013 foi o ano de lançamento do loteamento Vederti, o primeiro deles).

O bairro Fronteira Sul, como pode ser observado na imagem de satélite (figura 21) não apresenta aglomerados urbanos, apenas o *campus* da Universidade Federal da Fronteira Sul, e duas plantas Industriais: a Cooperalfa e a Randon S.A. Neste sentido, não existe uma necessidade partindo da população, uma vez que não há população residente. Ainda assim, existem dois loteamentos vizinhos à universidade (Di Fiori e Jardins Mezzomo), situados legalmente no município de Guatambu, que abrigam quantidade importante de população, especialmente no Di Fiori, que é o mais antigo dos dois. Essa população não conta com espaços públicos à proximidade, à exceção do *campus* universitário usado eventualmente como pista de caminhada.

Figura 21. Imagem de satélite do bairro Fronteira Sul



Fonte: Google Earth

ALF  
SANTO ANTONIO  
CUMONT

# COMUNIDADE DO UNIVERSIDADE



Vida em  
ração Church

**ESTRUTURA FÍSICA:**  
**SALÃO COMUNITÁRIO**  
**O CAMPO DE FUTEBOL ESTÁ**  
**LOCALIZADO NA ÁREA VERDE E É**  
**COMPARTILHADO COM O**  
**COLATTO,**  
**ÁREA DO SALÃO COMUNITÁRIO:**  
**377,9 M<sup>2</sup>**





A proposta de estudar cidades médias é complexa, afinal, cidades médias são espaços em transição (Sposito, 2007), e isso faz com que, a depender do ponto do espectro transitório entre cidade pequena e grande, as características de cada cidade média são significativamente particulares. Uma cidade média com a importância de Chapecó faz com que os processos que se desenvolvam aqui impactem e sejam impactados sobre todo o contexto urbano-regional a que Chapecó pertence, inclusive quando focamos nos processos que acontecem em uma periferia específica.

Quando considerei trabalhar a sociabilidade no bairro Efapi, não olhei para ele como periferia, mas como meu espaço de vivência. A partir do momento em que estudei a urbanização, quando aprofundei meu olhar para os espaços de sociabilidade, o que me era comum passou a ser um objeto de análise. O ‘vizinhar’, o tomar chimarrão todos os vizinhos juntos na calçada – prática comum na minha infância –, o compadrio estabelecido entre vizinhos, tudo isso sempre me levou a pensar que as coisas só aconteciam assim devido às práticas trazidas das áreas rurais, de onde aquelas pessoas vinham.

Quando comecei a realizar os trabalhos de campo e conversas informais, me dei conta que essa sociabilidade herdada era muito mais forte do que a percepção que eu tinha, e que os espaços urbanos da periferia de Chapecó eram o modelo atualizado desses espaços desenvolvidos para as práticas sociais da ruralidade.

Pensar a periferia também foi um desafio, ainda mais pela distorção que o senso comum nos impõe, sobre uma periferia completamente desurbanizada. Quando olhava para o bairro Efapi, tentava encaixá-lo nas descrições sobre periferia e, apesar de encontrar muitos elementos que o colocavam sim como um espaço em processo de segregação, ainda não me parecia completamente coincidente com aquilo que a bibliografia descrevia, e é claro, nunca seria, afinal, as periferias de cidades médias são tão diversas quanto as próprias cidades médias (Sposito, 2004), e mais do que isso, essa era a realidade em que eu estava inserida, e não me via como uma habitante periférica ou, ao menos, isso não parecia ser um problema em si.

SANTO ANTONO

# COMUNIDADE DO UNIVERSIDADE




**ESTRUTURA FÍSICA:**  
**SALÃO COMUNITÁRIO**  
**O CAMPO DE FUTEBOL ESTÁ**  
**LOCALIZADO NA ÁREA VERDE E É**  
**COMPARTILHADO COM O**  
**COLATTO,**  
**ÁREA DO SALÃO COMUNITÁRIO:**  
**377.9 M<sup>2</sup>**



Box 32. Comunidade do Universidade

A marginalização da periferia e das pessoas que ali vivem é tão enraizada na sociedade, e acontece de maneira muitas vezes tão discreta, que não fica visível para os que vivem isso, contudo ela se torna visível a partir do momento em que identifico que o conforto em encontrar tudo (comércio, serviços) no bairro Efapi estava diretamente ligado ao desconforto de estar em outros espaços, e esse desconforto é fruto dessa marginalização imposta (hooks, 1989).

Sendo assim, estar confortável na periferia exige de seus habitantes que desenvolvam elementos que aproximem a urbanidade, que é também, invisivelmente buscada por todos que estão na cidade. Trazer a urbanização é trazer conforto urbano, trazer infraestrutura urbana, usufruir da cidade e seus elementos e fazer isso é reivindicar todos os dias o direito à cidade.

O direito à cidade, assim como toda proposta revolucionária, é um horizonte, isso quer dizer que estaremos sempre em busca de alcançá-lo, mas não será possível que o alcancemos, e isso é porque o sistema econômico em que vivemos não permite que esse horizonte seja alcançado. O direito à cidade é um direito coletivo, a ideia é garantir que todos tenham acesso e direito de escolha sobre o ambiente urbano e seus elementos, e o pensamento capitalista que promove a desigualdade não permite que nada coletivo se desenvolva completamente.

Os centros comunitários são ferramentas potentes nessa busca, a noção e o sentimento de comunidade expressa nesses espaços é o que garante uma igualdade e promoção de espaços urbanos de qualidade. Contudo, mesmo nos centros comunitários, são observadas ações segregadoras, como quando a comunidade do Thiago estava tão incomodada com o uso e comportamento dos imigrantes nos espaços comunitários, que viu como uma solução renunciar à autonomia desses espaços cedendo-o para a prefeitura construir.

Um outro elemento que eu gostaria de abordar aqui é algo mais próximo de um questionamento. Nas entrevistas e conversas informais, ficou claro que o principal público que frequenta e mantém a existência dos centros comunitários é de uma faixa etária a partir de 30 anos. Seria possível que no futuro esses espaços deixassem de existir? Será que as novas gerações sentem a necessidade de sociabilidade comunitária como tradicionalmente é feita? Como os espaços comunitários surgem como espaços para anteder às necessidades das periferias, acredito que continuarão existindo, contudo, as necessidades dessa população vão mudando e a função social dos centros comunitários deve, portanto, mudar e continuarão sendo espaços de



apoio para a população periférica, cumprindo ainda seu papel como ferramenta de busca do direito à cidade.



Box 33. Finalização dos Box.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA NÃO CONCLUSÃO

Encerrar uma discussão da amplitude a qual abordamos aqui é ambicioso, porque não se encerra o cotidiano, e nosso objeto de pesquisa está moldando e sendo moldado por ele. Neste sentido, quando finalizo a redação desta dissertação, deixo claro para quem lê e para mim mesma que esta temática, bem como o recorte espacial analisado aqui, segue possibilitando inúmeras análises, discussões e reflexões.

Nosso objetivo principal era analisar as práticas de sociabilidade da periferia de Chapecó, observando quais os espaços utilizados para essas práticas, tomando como pressuposto a análise dos espaços públicos; e podemos afirmar que isso foi feito com êxito, ainda mais se considerarmos que no percurso ampliamos nosso objeto de pesquisa para os centros comunitários, o que abre uma gama de novas possibilidades de análises do espaço urbano.

Ao definirmos o recorte espacial selecionando apenas uma das periferias da cidade de Chapecó, reduzimos nossa escala de análise e, com isso, nos foi permitido um melhor detalhamento em relação aos objetivos específicos propostos. Mesmo que este trabalho não tivesse como objetivo descrever os espaços públicos, ou mesmo os centros comunitários, mas as práticas espaciais realizadas neles, acredito que a descrição apresentada nos boxes permeados no texto foram de grande valia no tocante à caracterização dos espaços observados, servindo em grande medida para ilustrar o nosso recorte espacial com maior riqueza de detalhes. Esses boxes foram construídas a partir do mapeamento e caracterização, tanto dos espaços públicos como dos semipúblicos.

Ao refletir sobre a conjuntura mundial no período de realização do trabalho, os obstáculos impostos por um tempo significativo pela COVID-19 e as normativas de afastamento social, consideramos exitosas nossas discussões sobre práticas de sociabilidade. Mesmo com esses empecilhos, conseguimos, quando não através de observações, por meio de entrevistas ou conversas, uma boa noção de quais as práticas sociais, de como elas impactam no cotidiano periférico e de como elas foram centrais no desenvolvimento de novos espaços para que pudessem acontecer da forma mais plena possível. A constatação de que os espaços comunitários surgem como facilitador de práticas sociais urbanas que deveriam acontecer em espaços públicos demonstram como esses espaços são efetivamente ferramentas na

caminhada para alcançar o direito à cidade, e de como a população urbana busca a urbanização, mesmo quando ela não chega da forma como deveria.

Por fim, conseguimos compreender que o contexto histórico de Chapecó interfere diretamente nas práticas sociais observadas no desenvolvimento desta dissertação. Primeiro na forma como foi estabelecida a “ocupação” do oeste catarinense com Chapecó sendo a única unidade municipal de toda a extensão oeste do estado até os desmembramentos ocorridos, conferindo à sede uma centralização econômica e urbana que até os dias atuais não foi superada, mas, ao contrário, se reforçou. Depois, com a instalação industrial rápida e extensa, atraindo mão de obra regional que carregara consigo os costumes, práticas e posicionamentos praticados nas áreas rurais e urbanas de municípios vizinhos.

Finalizo esse trabalho orgulhosa dos êxitos alcançados, principalmente por conseguir olhar para mim com humanidade – isso aprendi ao longo da pesquisa – e entender que existem limitações e essas não fazem um trabalho inferior, mas direcionam as análises, fazendo-o único. As limitações existem em todos os contextos e elas também são fundamentais na elaboração de metodologias, e análises e, por essa razão, não posso olhar para elas como problemas, mas como elementos, apenas.

Não foi possível observar no percurso todas as práticas sociais nem mesmo todos os centros comunitários em atividade; não foram observados os espaços públicos e o uso que se faz deles no período noturno; etc. Essas limitações, entretanto, possibilitam o olhar para novas pesquisas, pois elas acabaram deixando lacunas que podem ser preenchidas posteriormente, seja por mim (quem sabe?), seja por outros pesquisadores que, ao lerem este trabalho, poderão ficar instigados (tomara!).



## 7 REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.

ALBA, Rosa Salete. **A produção do espaço urbano de Chapecó-SC**. 1998. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Curso de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

ALBA, Rosa Salete. **Espaço urbano: os agentes da produção em Chapecó**. Chapecó: Argos, 2002.

AMORIM FILHO, Oswaldo; SERRA, Rodrigo Valente. **Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional**. 2001.

ANDRADE, Luciana Teixeira; JAYME, Juliana Gonzaga; ALMEIDA, Rachel de Castro. Espaços público: novas sociabilidades, novos controles. **Cadernos Metrôpole 21**. Pág. 131-153. 1º sem. 2009.

ANTUNES, Camila Sissa. **Do passeio na avenida à balada no prolonga: sociabilidade no espaço público**. O caso da Avenida Getúlio Vargas, Chapecó (SC). 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

APROXIMADAMENTE 70 mil pessoas podem contar com os serviços da Superintendência da Efapi. **Prefeitura municipal de Chapecó**, 2021. Disponível em: <https://chapeco.sc.gov.br/noticia/4243/aproximadamente-70-mil-pessoas-podem-contar-com-os-servicos-da-superintendencia-da-efapi>. Acesso em: 31/05/2023.

AZEVEDO, Leon Martins Carriconde. O rural e o urbano na teoria de Henri Lefebvre. **Proceedings of XIII Jornada do Trabalho**, 2012. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/jtrab/n1/09.pdf>

BARATA-SALGUEIRO, Teresa. Do centro às centralidades múltiplas. In: FERNANDES, José Alberto V. Rio (Org.); SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.) **A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras**. 1ª Ed. Porto: CEGOT, 2013.

BARRETO, Rogério. O centro e a centralidade urbana – aproximações teóricas a um espaço em mutação. **Caderno do curso em doutoramento em Geografia**. FLUP, São Paulo. 2010. P.23 – 41.

BAUDRILLARD, Jean. **La sociedad del consumo: sus mitos, sus estructuras**. Madrid: Siglo XXI, 2009

BATELLA, Wagner. Cidades Médias: da multiplicidade de definições à busca de seus limiares. **Caminhos da Geografia** (UFU. Online), v. 20, p. 196-214, 2019.

BONFIM, Catarina de Jesus *et al.* Centro comunitário. Lisboa: **Direcção-Geral da Acção Social, Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação**, 2000. Disponível em: [https://www.seg-social.pt/documents/10152/13331/Centro\\_comunitario/a0a29948-aba9-446b-afc0-8561ad725e37](https://www.seg-social.pt/documents/10152/13331/Centro_comunitario/a0a29948-aba9-446b-afc0-8561ad725e37). Acesso em: 11 set. 2023.

BRANDÃO, Zaia. **Entre questionários e entrevistas**. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs.). *Família & escola*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. P. 171-83.

BRITTO, Natália Daniela Soares Sá; SPINELLI, Juçara; CATALÃO, Igor. **Explorações urbanas sobre o Programa Minha Casa Minha Vida em Chapecó**, SC. In: CALIXTO, Maria José Martinelli Silva; MORENO REDÓN, Sergio. (Org.). *O Programa Minha Casa Minha Vida e seus desdobramentos socioespaciais: os novos vetores da produção do espaço em cidades médias brasileiras*. 1ed. Porto Alegre: TotalBooks, 2021, v., p. 108-143.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A cidade e a organização do espaço. **Revista da USP**. São Paulo: n 01 p. 105-111, 1982.

CHAPECÓ, Lei Complementar Nº 728 de 8 de outubro de 2021. **Dispõe sobre a alteração de dispositivos da Lei Complementar nº 541, de 26 de novembro de 2014, que aprova o plano diretor de Chapecó – PDC, da Lei Complementar 498, de 17 de dezembro de 2012 que dispõe sobre a organização administrativa do poder executivo municipal e da Lei Complementar 688, de 28 de outubro de 2020, que dispõe sobre a autorização excepcional para concessão de alvará de regularização de edificações irregulares e clandestinas e dá outras providências**. Chapecó: Câmara de Vereadores, 2021.

CHAPECÓ. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Chapecó de 2014**. Chapecó, 2014.

CHAPECÓ, Lei Complementar Nº 541 de 26 de novembro de 2014. **Aprova o plano diretor de Chapecó – PDC**. Chapecó: Câmara de Vereadores, 2014.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; DOS ANJOS, Antonio Fernandes A periferia urbana em questão: um estudo socioespacial de sua formação. **Boletim Goiano de Geografia**. V. 27, n. 2, janeiro-junho, 2007, p. 181-197 Universidade Federal de Goiás Goiás, Brasil.

CORDEIRO, Graça Índias. Sociabilidade Urbana. **Ponto Urbe [online]**, 3 | 2008, posto online no dia 31 julho de 2008. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1838>

CORRÊA, Roberto Lobato. A periferia urbana. **Geosul**, Florianópolis, n. 2, p. 70-78, 1986.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. Ática: São Paulo, 1989.

COSTA, Eduarda Marques da. Cidades médias: contributos para sua definição. **Finisterra**, Lisboa, v.XXXVII, n. 74, 2002.

DELGADO, Manuel. **El espacio público como ideologia**. Madri: Catarata, 2011.

FACCO, Janete; FUGITA Camila; BERTO, James Luiz. Agroindustrialização e urbanização de Chapecó-SC (1950-2010): uma visão sobre os impactos e conflitos urbanos e ambientais. **REDES – Rev. Des. Regional**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 1, p. 187 - 215, 2014.

GOES, Eda Maria et al. **Consumo, crédito e direito à cidade**. Curitiba: Appris, 2019

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição Urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GRETZLER, Cristiane. **Chapecó (SC) para além de polo regional, uma cidade média no oeste catarinense**. Porto Alegre, 2011. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-graduação em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GROSSELI, Carliana. **O processo de Verticalização da Cidade de Chapecó/SC: 2010 a 2017**. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Francisco Beltrão, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2020. (154 f.)

HASS, Monica. **Os partidos políticos e a elite chapecoense: um estudo de poder local 1945 – 1965**. Chapecó: Argos, 2001.

hooks, Bell. “Choosing the margins as a space of radical openness”. **Framework: The Journal of Cinema and Media**, n. 36. p. 15–23. 1989. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44111660>.

KESCHNER, Bruna. **Espaços (semi)públicos de sociabilidade juvenil em Chapecó. 2017**. Monografia (Graduação em Geografia) – Curso de Geografia – Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

KLINEMBERG, Eric. **Palaces for the People: How Social Infrastructure Can Help Fight Inequality, Polarization, and the Decline of Civic Life**. Kindle Edition. Crown: 2018.

KOVALSKI, Daniela. **Análise das desigualdades socioespaciais urbanas do bairro Efapi, Chapecó (SC)**. Orientador: Dr. Ederson do Nascimento. 45 p. TCC (graduação). Geografia, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó. 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1984/1/KOVALSKI.pdf>. Acesso em 01/07/2021.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. Ed. São Paulo: Centauro, 2001.



LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013

LEMOS, João Henrique; KESCHNER, Bruna. Centralidades, papéis urbanos e particularidades das cidades pequenas do Oeste de Santa Catarina. In: **I Simpósio de Pós-Graduação do Sul do Brasil – I SIMPÓS-SUL**. Evento Online, 2021. Disponível em: <https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/simpos-sul/article/view/16048/10479>

MADÓGLIO, Alexandre. **Efapi: mais que um bairro**. 1ª ed. Chapecó, SC. Editora Palma da Mão, 2021.

MAGRINI, Maria Angélica; CATALÃO, Igor. Del derecho al consumo al derecho a la ciudad: contradicciones y convergencias. **EURE – Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales**, v. 43, p. 25-46, 2017.

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 177 p.

MAIA, Rousiley C. M. Sociabilidade: apenas um conceito? **GERAES – Revista de comunicação social**, Belo Horizonte, v.1, n. 53, p. 4 – 15, 2001.

MATIELLO, Alexandre. Et al. Chapecó/SC: o agronegócio, o setor terciário em expansão e a crescente desigualdade socioespacial. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; MAIA, Doralice Sátyro (Org.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Dourados e Chapecó**. São Paulo: Cultura Acadêmica/Editora UNESP, 2016. P. 171-319.

MOTTER, Crislaine; RIBEIRO FILHO, Vitor. A formação do espaço urbano de Chapecó: uma análise espaço-temporal. **Revista Espaço e Geografia (UnB)**, v. 20, p. 201-225, 2017.

NEMMER, David. Bibliotecas e centros comunitários como espaços para promover a democracia, combater a desinformação e desigualdade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. esp. p. 5 – 18. Melhores trabalhos CBBD, 2019.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). **Psicologia. Reflexão e Crítica**, v. 20, p. 65-73, 2007.

RECHE, Daniella. **Leis e planos urbanos na produção da cidade: o caso de Chapecó-SC**. (Dissertação Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) –Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

RENK, Arlene. **Narrativas da diferença**. Chapecó: Argos, 2004.

SANTA CATARINA, Lei Nº 348, de 2 de junho de 1958. **Altera a organização administrativa do estado de Santa Catarina, na conformidade do**

**pronunciamento das câmaras municipais, cria municípios e dá outras providências.** Florianópolis: ALESC, 1953.

SANTA CATARINA, Lei Nº 133, de 30 de dezembro de 1958. **Altera a divisão territorial do estado.** Florianópolis: ALESC, 1958.

SANTA CATARINA, Lei Nº 763, de 6 de outubro de 1961. **Cria os municípios de Coronel Freitas e Quilombo.** Florianópolis: ALESC, 1961.

SANTA CATARINA, Lei Nº 866, de 14 de dezembro de 1962. **Cria os municípios de Caxambu do Sul e Água de Chapecó.** Florianópolis: ALESC, 1962.

SANTA CATARINA, Lei Nº 8.428 de 26 de setembro de 1992. **Declara de utilidade pública.** Florianópolis: ALESC, 1992.

SANTA CATARINA, Lei Nº 8.557 de 30 de março de 1992. **Cria o município de Cordilheira Alta.** Florianópolis: ALESC, 1992.

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade:** ensaios. Petrópolis: Vozes, 1982.

SANTOS, Milton. **O espaço geográfico como categoria filosófica.** Terra Livre. O Espaço em questão, n. 5, p. 9-20, São Paulo, 1988.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4. Ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público:** as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim paulista de geografia.** São Paulo, nº 84, p. 7-24, 2006. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/725/608>

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In. MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). **Simmel: Seleção, tradução, introdução e bibliografia.** São Paulo: Ática, 1983. P. 165-181.

SOJA, Edward. Tercer Espacio: extendiendo el alcance de la imaginación geográfica. In: BENACH, Núria; ALBERT, Abel (Org.). Edward W. **Soja: la perspectiva postmoderna de un geógrafo radical.** Barcelona: Icaria Editorial, 2010. P. 181-209.

SOJA, Edward. **En busca de la justicia espacial.** Traducción: Carmen Azcárraga. Tirant Humanidades, Valencia, 2014.

SOBARZO, Oscar. A produção do espaço público: da dominação à apropriação. **GEOUSP – Espaço e Tempo,** São Paulo, n. 19 p. 93-111, 2006.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, Maria Encarnação B. (coord.). **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente: UNESP/GAsPERR, 2001. P. 609-643.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do Estado de São Paulo, Brasil. **Investigaciones Geográficas** – Bol. Inst. De Geografía, México, v. 54, p. 114-139, 2004.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Cidades médias: espaços em transição**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. v. 1. 630p.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos (FragUrb)**. Projeto de pesquisa apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Presidente Prudente, 2018.

TORALLES, Christiano Piccioni. Cidade e crescimento periférico: modelagem e simulação da formação de periferias urbanas com autômatos celulares. 2013. 169f. Dissertação: (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: Territórios e redes de sociabilidade**. 2008. 516 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

TURRA NETO, Nécio. Pesquisa qualitativa em Geografia. In: **ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS (ENG)**, 12., Belo Horizonte, 22-28 jul. 2012. Anais... Belo Horizonte: Associação de Geógrafos Brasileiro (AGB), 2012

VOYCE, Malcolm. "Shopping malls in Australia The end of public space and the rise of 'consumerist citizenship'?". **Journal of Sociology The Australian Sociological Association**, Austrália, v. 42, n. 3, p. 269-286, 2006.

## APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO

# ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE ENTREVISTAS

### EIXO 1 – RELAÇÃO COM O BAIRRO

1. MORA AQUI DESDE QUANDO?
2. DE ONDE VEIO?
3. COMO VEIO?
4. POR QUE VEIO PARA O EFAPI?
5. QUAIS AS VANTAGENS DE MORAR NO EFAPI, HOJE?
6. QUAIS AS DESVANTAGENS DE MORAR NO EFAPI, HOJE?
7. GOSTARIA DE MORAR EM OUTRO LUGAR? POR QUÊ?
8. PARA ONDE IRIA, CASO MUDASSE DAQUI?



### EIXO 2 – RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

1. O LOTEAMENTO EM QUE VOCÊ MORA, PARTICIPA DE ALGUMA COMUNIDADE (CENTRO COMUNITÁRIO)?
2. VOCÊ PARTICIPA DAS AÇÕES DA COMUNIDADE?
3. QUAIS AÇÕES ACONTECEM NA SUA COMUNIDADE?
4. QUAIS REUNIÕES ACONTECEM QUE VOCÊ PARTICIPA? (FESTAS, REUNIÕES, BAILES...)
5. VOCÊ SABE SE A COMUNIDADE RECEBE ALGUM APOIO? (IGREJA, PREFEITURA, ONGS?)
6. ANTES DE FAZER PARTE DESSA COMUNIDADE, VOCÊ JÁ PARTICIPOU DE OUTRAS?
7. QUAIS AS SEMELHANÇAS DESSAS COMUNIDADES E DAS ATIVIDADES QUE ACONTECEM AQUI COM SEU LUGAR DE ORIGEM?



### EIXO 3 – RELAÇÃO COM OS ESPAÇOS PÚBLICOS

1. QUAIS ESPAÇOS PÚBLICOS EXISTEM NO BAIRRO EFAPI? (SE NÃO CONHECE, CITAR QUAIS EXISTEM)
2. VOCÊ CONHECE? FREQUENTA? POR QUÊ?
3. O QUE FALTA NESSES ESPAÇOS?



IMPORTANTE LEMBRAR QUE EM ALGUNS MOMENTOS DAS ENTREVISTAS AS PERGUNTAS FORAM REFEITAS, OU FEITAS DE OUTRA FORMA, COM A INTENÇÃO DE OBTER A MAIOR QUANTIDADE DE INFORMAÇÕES POSSÍVEL, JÁ QUE ALGUNS ENTREVISTADOS NÃO GOSTAVAM MUITO DE FALAR.





### APÊNDICE 3 – EQUIPES ESPORTIVAS DA GRANDE EFAPI

Figura 22. Equipes esportivas de veteranos que participam das competições promovidas pela ADGER - Associação desportiva da grande Efapi e Região.



Fonte: ADGER



Figura 23. Equipes esportivas femininas que participam das competições promovidas pela ADGER - Associação desportiva da grande Efapi e Região.



Fonte: ADGER